

ILDO PERONDI
CARLOS ALBERTO BRAILE

DE CAFARNAUM A NAIM

Lc 7,11-17

Caminhando nos passos de Jesus

**OKOS**
EDITORA

3ª edição
E-book

De Cafarnaum a Naim
(Lc 7,11-17)
Caminhando nos passos de Jesus

Ildo Perondi
Carlos Alberto Braile

De Cafarnaum a Naim
(Lc 7,11-17)
Caminhando nos passos de Jesus

3ª edição
E-book



São Leopoldo
2020

© Ildo Perondi – 2020
Av. Manoel Ribas, 966
Mercês
80810-000 Curitiba/PR
Tel.: (43) 99944.8328 / (41) 3335.1606
ildoper@gmail.com

Editoração: Oikos Editora

Revisão: Rui Bender

Capa: Juliana Nascimento

Imagem da capa: Miqueias H. Mugge

Arte-final: Jair de Oliveira Carlos

Editora Oikos Ltda.
Rua Paraná, 240 – B. Scharlau
93120-020 – São Leopoldo/RS
Tel.: (51) 3568.2848
www.oikoseditora.com.br
contato@oikoseditora.com.br

C129 De Cafarnaum a Naim (Lc 7,11-17) – Cami-
nhando nos passos de Jesus / Ildo Peron-
di e Carlos Alberto Braile. – 3. ed. [e-book].
– São Leopoldo: Oikos, 2020.

119 p.; 14 x 21 cm.

ISBN 978-65-86578-14-0

1. Relato – Viagem. 2. Bíblia – Crítica –
Interpretação. 3. Teologia. I. Título.

CDU 910.4

Catálogo na Publicação:
Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184

Ildo Perondi é Frei Capuchinho, nascido em Romelândia/SC, com Mestrado em Teologia Bíblica pela Universidade Urbaniana de Roma e Doutorado em Teologia Bíblica pela PUC-Rio. É Professor de Sagradas Escrituras na PUCPR e em Cursos de Especialização em Teologia Bíblica na FAVI/INSECH. Assessoria cursos bíblicos para o CEBI, CEBs e Escolas Bíblicas.



Carlos Alberto Braile (Caco), nascido em São Paulo capital, é casado com Rita e pai de três filhas e tem duas netas. É graduado em Ciências Econô-



micas pelas Faculdades Metropolitanas Unidas – FMU (SP) e Administração de Empresas, pela Universidade Mackenzie (SP), com especialização em Sociologia e Sociologia da Educação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e Mestrado em Administração pela PUC-SP. É empresário e atuou em consultoria em várias empresas. Atualmente é Professor de Administração da PUCPR (Campus Londrina) e sócio-diretor da agência Terra Santa Turismo Religioso.

Sumário

Prefácio à 2ª edição	7
Apresentação	9
I - De Cafarnaum ao Monte Arbel: primeiro dia	15
II - Do kibutz Lavi até Naim: segundo dia	55
III - Naim: a chegada	71
IV - O retorno	81
V - A fé que nos faz caminhar	85
VI - Glossário de nomes e localidades	103
Anexo: Mapa	115
Referências bibliográficas	117

Prefácio à 2ª edição

Já se passaram quatro anos de quando realizamos a caminhada de Cafarnaum a Naim, em maio de 2013, e da publicação do livro com o relato desta caminhada. A minha maior alegria em relação ao livro foi encontrar tantas pessoas que me disseram “eu li o livro e caminhei com vocês!”. De fato, este era o nosso objetivo: fazer com que as pessoas lessem o livro e pudessem contemplar as paisagens que íamos vislumbrando no caminho; que imaginassem a nossa caminhada e, sobretudo, que participassem da caminhada feita por Jesus quando saiu de Cafarnaum e foi até Naim reanimar o filho único da viúva.

A primeira edição do livro está esgotada. E chega agora uma nova edição com uma novidade importante. No final acrescentamos um texto do Caco (Carlos Alberto Braile) com o título: *A fé que nos faz caminhar*. Neste capítulo Caco relata um pouco da sua experiência de fé, as suas experiências de peregrino e de condutor de peregrinos pelos caminhos da fé, a espiritualidade que move as pessoas – de diferentes crenças – a caminhar rumo aos locais considerados sagrados até a nossa caminhada definitiva no final da nossa vida.

Quero agradecer ao Caco, primeiro, por ter colaborado para que o projeto da caminhada de Cafarnaum a Naim se tornasse realidade. E agora, pela sua contribuição ao li-

vro, trazendo a sua experiência de tantos anos de peregrinações religiosas. E, por fim, por ser este irmão e companheiro nas caminhadas do dia a dia desta vida. A própria vida nos ensina que caminhar é preciso. E a nossa caminhada é sempre mais bela quando caminhamos com amigos e com fé em Deus, seguindo os passos de Jesus Cristo “o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6).

Ildo Perondi
Setembro de 2017

Apresentação

Todo livro tem uma história, e este também tem a sua. Somente o evangelista Lucas narra uma passagem da vida de Jesus (Lc 7,11-17). Depois de ter curado o servo do centurião (Lc 7,1-10), Jesus partiu de Cafarnaum e, juntamente com seus discípulos e uma grande multidão, dirigiu-se a uma cidade chamada Naim. Na porta da cidade, dois cortejos se encontraram: o de Jesus e sua comitiva e o outro, formado por uma mãe viúva que, junto com outra multidão, estava levando seu único filho para ser enterrado. Foi ali que Jesus, movido de compaixão, realizou o milagre e devolveu a vida ao jovem e depois o entregou à sua mãe.

É sobre essa passagem do Evangelho que estou fazendo a minha tese de doutorado em Teologia Bíblica na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC Rio). Durante um ano e meio, quase que semanalmente, fiz o trajeto Londrina-Rio de Janeiro. E foi numa dessas viagens difíceis que imaginei como teria sido a caminhada de Jesus e sua comitiva de Cafarnaum para Naim. Também Ele deveria ter tido as suas dificuldades e alegrias. Uma ideia surgiu em minha mente como um sonho: por que não refazer esse caminho? Seria a oportunidade para entender melhor o texto de Lucas.

Então conversei com o Carlos Braile, que também é professor da PUCPR e, junto com sua esposa, a Rita, organi-

zam viagens de peregrinos através da agência *Terra Santa Turismo Religioso*. Quando expus o meu projeto ao Carlos (que todos nós carinhosamente chamamos de Caco), ele logo me deu duas sugestões: a) eu deveria acompanhar, como diretor espiritual, um grupo de peregrinos; b) ele iria junto e, depois do retorno do grupo, faríamos a caminhada juntos.

Logo começamos a formar o grupo e fizemos questão de que o mesmo tivesse uma boa formação para aproveitar melhor a viagem. Realizamos cinco encontros de formação bíblica e estudo de cultura judaica, além da elaboração de vários boletins informativos sobre os lugares que iríamos visitar.

Mais difícil foi traçar o roteiro da caminhada que queríamos percorrer. Consultando um mapa turístico da Terra Santa, descobrimos que havia uma trilha que saía de Cafarnaum, embora não chegasse até Naim. A trilha era entre Cafarnaum e Nazaré ou até o Monte Tabor. Depois conversamos com o Miguel Fruchter, que é nosso amigo judeu e guia de peregrinos em Israel, que se colocou à disposição para fazer a retaguarda.

E foi assim que no dia 26 de abril nós embarcamos indo primeiro para Roma, onde tivemos a felicidade de participar da Missa na Praça São Pedro com o Papa Francisco e, de 29 de abril a 04 de maio, visitamos os lugares mais importantes para a nossa fé na Terra Santa. Quando o grupo deixou o aeroporto de Tel Aviv, nós nos dirigimos à Galileia, onde, no dia seguinte, começamos a nossa caminhada.

Tive o cuidado de anotar os detalhes e sentimentos colhidos durante a caminhada. Além disso, fui inserindo fatos, reflexões e passagens bíblicas, relacionados aos lugares por onde passamos, bem como procurei imaginar o que Jesus teria sentido durante essa sua caminhada e, sobretudo, o que Ele viveu naquela sua chegada a Naim.

Na Bíblia, as caminhadas são muito importantes e ajudaram a produzir muitos textos. Basta recordar a caminhada de Abraão da Mesopotâmia a Canaã e todo o seu peregrinar de acampamento em acampamento (Gn 12,1ss); a caminhada de Jacó de Bersabeia até Harã (Gn 28,10ss); a caminhada de Moisés até Madiã, onde se casou e se preparou para a missão (Ex 2,15ss); e a longa e importante marcha do povo de Deus saindo da opressão do Egito para chegar à Terra Prometida (Ex 13,17ss); a caminhada de Elias, Eliseu e outros profetas, entre tantas outras caminhadas no Antigo Testamento. O povo de Deus peregrinava em busca de vida melhor, mas também para adorar e celebrar, tanto que havia até uma coleção de Salmos para as romarias (Salmos 120 a 134).

No Novo Testamento, também encontramos muitas caminhadas: Maria fez sua caminhada de Nazaré a Ein Karem (Lc 1,39-56); José e Maria foram com Jesus ao Egito fugindo da perseguição de Herodes e depois retornaram (Mt 2,13-23); aos doze anos, Jesus foi ao Templo para a Festa e se separou da comitiva familiar (Lc 2,41-52); Jesus foi ao Jordão para ser batizado (Mc 1,9); depois de vencer as tentações, Ele voltou para a Galileia com a força do Espírito Santo (Lc 4,14); depois Ele fez a caminhada de Nazaré a Cafar-

naum, onde foi habitar (Lc 4,31). Jesus evangelizava caminhando (Mc 1,14.19.21.29; 2,1.13.23, etc.), passando por aldeias e povoados. E então temos a grande caminhada da Galileia até Jerusalém, narrada em um capítulo em Marcos (Mc 10), dois capítulos em Mateus (Mt 19-20), mas que em Lucas ocupa mais da metade do Evangelho (Lc 9,51–19,44). E foi no caminho de Emaús que Jesus se deu a conhecer aos dois discípulos (Lc 24,13-35). Nos Atos dos Apóstolos, encontramos muitas caminhadas, sobretudo a caminhada da Palavra e do testemunho da Igreja, que começa em Jerusalém (At 1,8) e chega até os confins do mundo. E não podemos esquecer também das inúmeras viagens missionárias do Apóstolo Paulo (At 13-28).

Podemos dizer que a Bíblia é fruto da longa caminhada de Deus com seu povo e o povo com seu Deus. Caminhar faz bem. E a nossa espiritualidade foi definida tantas vezes como um Caminho. Os primeiros cristãos também se diziam seguidores do Caminho (At 9,2; 18,25; 19,9.23; etc.).

Por isso a caminhada que fizemos de Cafarnaum a Naim é também cheia de momentos de beleza, de fatos, de encontros e desencontros, de orações, de dificuldades e de realizações... Porque é caminhando que aprendemos a caminhar; é caminhando que buscamos, nos movemos e crescemos.

Nem todas as pessoas podem ir até a Terra Santa e percorrer esse caminho, mas conosco estavam nossos familiares, nossos parentes e amigos, mas também todas as pessoas que seguem as pegadas de Jesus Cristo, sobretudo os pobres, doentes, viúvas e órfãos, os sofredores e excluídos

deste mundo. Pessoas assim Jesus acolheu pelos lugares por onde andava. Que as memórias da nossa caminhada possam servir de alento e coragem a todas as pessoas que caminhem nas estradas da vida e buscam em Jesus Cristo a força e a coragem para continuar a dar novos passos.

Quero deixar um agradecimento especial ao Caco por ter caminhado comigo. Uma caminhada é sempre bela quando se caminha com um amigo. Ao Miguel, meu amigo judeu, pela generosa ajuda e pela companhia. E quero agradecer também a todas as pessoas que ajudaram na elaboração deste livro, especialmente ao Fabrizio Zandonadi Catenassi, à Maria Ely Sozzo Rocchi Marçal e à Patrícia Zaganin Rosa Martins, pela leitura e contribuições.

Frei Ildo Perondi

Londrina (PR), 29 de junho de 2013

Festa de São Pedro e São Paulo

I - De Cafarnaum ao Monte Arbel: primeiro dia

Em seguida Ele (Jesus) foi a uma cidade chamada Naim (Lc 7,11a).

Dia 05 de maio de 2013. O Senhor, nosso Deus, presenteou-nos com uma bela manhã. Era domingo, o dia do Senhor, o primeiro da semana... O sol já surgia quando Miguel nos deixou em Cafarnaum*¹, diante do Convento dos Franciscanos, que ainda estava fechado. Ali começava a ser realizado um grande sonho: caminhar de Cafarnaum até Naim.

Jesus percorreu esse caminho quando tomou uma decisão resoluto e partiu de Cafarnaum e foi até a pequena cidade chamada Naim, onde realizou um milagre importante e fundamental, somente narrado no Evangelho de Lucas (Lc 7,11-17).

Já fazia cinco dias que nós estávamos na Terra Santa, onde havíamos acompanhado um grupo de peregrinos e havíamos visitado os lugares mais importantes da caminhada bíblica e, sobretudo, da vida de Jesus. O grupo havia partido no sábado à tarde e naquele momento estava retornando ao Brasil. Miguel, o nosso guia, havia nos deixado no ki-

¹ Para as palavras assinaladas com asterisco, veja o glossário na parte final.

butz* Ghinossar, perto de Tiberíades*, onde passamos a noite. Quando chegamos, o Shabbat* estava terminando, e um grupo de judeus ainda cantava salmos e canções, dançando e comendo doces. O Sábado terminava com a alegria da festa e da esperança.

Em Cafarnaum, antes de dar os primeiros passos, fizemos a nossa oração. Pedimos a bênção e a proteção de Deus. Li o texto de Lc 7,11-17 em grego e então rezamos o Salmo 121 em hebraico e depois em português. Uma frase dizia “que o Senhor abençoe a tua partida e também a tua chegada”.

Miguel ainda tirou a foto para marcar o início da nossa caminhada e nos recomendou:

– Bebam bastante água!

À medida que fomos dando os primeiros passos, uma emoção grande tocou o nosso coração. Estávamos caminhando na estrada de Jesus! Lembramos que Cafarnaum era a cidade de Jesus. Ele havia deixado Nazaré*, o lugar onde havia crescido e vivido a sua infância e juventude e viera para cá (Lc 4,31). Cafarnaum (*Kefar Neum*) significa a “vila da graça” e estava localizada à beira do Mar da Galileia*. Na época de Jesus, Cafarnaum era um lugar importante, pois por ali passavam as caravanas que vinham do norte. Era um corredor que tinha muita importância comercial, militar, cultural e religiosa. Em Cafarnaum, Jesus curou a sogra de Simão Pedro (Mt 8,14-15; Mc 1,29-31; Lc 4,38-39). Havia uma grande sinagoga, onde Jesus ia aos sábados para ensinar e onde realizou milagres (Mc 1,21-28; 3,1-6; Lc 4,31-37; 6,6-11, etc.).

Um fato importante havia acontecido antes de Jesus decidir partir para Naim (Lc 7,1-10). Devido à importância estratégica de Cafarnaum, os romanos mantinham na região uma guarnição militar. E o centurião, que era uma pessoa temente a Deus, havia pedido uma ajuda em favor de um dos seus servos prediletos, que estava doente à morte. Esse centurião era amigo dos judeus, havia até construído a sinagoga para eles (Lc 7,5). Mas, conhecendo os costumes judaicos, não pediu a Jesus para ir até a sua casa. Pediu unicamente que Jesus agisse em favor do jovem doente: “Diga uma só palavra, e meu servo será curado” (Lc 7,7). Jesus curou a distância. O milagre foi realizado através da palavra de Jesus. Foi logo em seguida a este fato que Jesus se deslocou em direção a Naim (Lc 7,11).

Enquanto percorríamos o nosso caminho, à nossa esquerda era possível ver o Mar da Galileia*. Foi caminhando à beira do mar que Jesus escolheu os seus primeiros discípulos, que eram pescadores (Mt 4,18-22; Mc 1,16-20; Lc 5,1-11). Foi nesse mar que Jesus atravessou de barco para a outra margem (Mt 8,18; Lc 9,57-60). Outra vez, Jesus estava tão cansado da sua atividade, que acabou dormindo (Mc 4,38). E então veio a grande tempestade, o mar se tornou violento e os discípulos tiveram medo. Mas com a sua palavra Jesus acalmou o vento e o mar (Mt 8,23-27; Mc 4,35-41; Lc 8,22-25). Muitos outros fatos importantes da vida de Jesus aconteceram nesse mar ou ao seu redor. E agora, para nós, olhar para o mar nos dava uma sensação de conforto, pois sabíamos que Jesus havia passado por ali.

Seus discípulos iam com Ele e uma numerosa multidão (Lc 7,11b).

Paramos para contemplar a beleza da paisagem que podíamos ver à nossa volta: à nossa frente, atrás de nós, à direita e à esquerda... Por onde quer que nós olhássemos, ali estavam sinais: a natureza falava, os lugares transmitiam sua mensagem. São Jerônimo, um dos maiores biblistas da história e que veio à Terra Santa para traduzir a Bíblia dos originais para o latim no século IV, já dizia: “A Terra Santa é o quinto Evangelho”. Essa frase foi repetida pelo Papa Bento XVI quando esteve aqui.

Em seu retorno a Roma, no domingo seguinte, dia 17 de maio de 2009, ao rezar o *Regina Coeli* junto a milhares de peregrinos reunidos na Praça de São Pedro, no Vaticano, o Papa Bento XVI assim se expressou: “A Terra Santa foi chamada de ‘quinto Evangelho’, porque nela podemos ver e tocar a realidade da história que Deus realizou com os homens, começando com os lugares da vida de Abraão até os lugares da vida de Jesus, desde a encarnação até o túmulo vazio, sinal de uma ressurreição. Sim, Deus entrou nesta terra, atuou conosco neste mundo. E podemos dizer mais ainda: a Terra Santa, por sua própria história, pode ser considerada um microcosmos que resume em si o esforçado caminho de Deus com a humanidade. Um caminho que inclui, por causa do pecado, também a Cruz, mas graças à abundância do amor divino, também a alegria do Espírito Santo, a Ressurreição já iniciada; é um caminho entre as sendas do nosso sofrimento, rumo ao Reino de Deus, Reino

que não é deste mundo, mas que vive neste mundo e deve penetrá-lo com sua força de justiça e de paz”².

Tudo o que nós víamos, ouvíamos e contemplávamos nos falava de Deus! Permanecemos em silêncio por alguns instantes. Depois rezamos o Santo Anjo do Senhor, pedindo ajuda, e prosseguimos nosso caminho.

Esse era o caminho que Jesus havia percorrido. Lucas nos dá poucos, mas importantes detalhes. Quando Jesus caminhava, Ele ia à frente, pois era o Mestre (Mc 8,34; 10,32; Lc 9,11.23; 13,22; 17,11; 19,28; 23,26). Jesus é o Caminho; Ele sabe o caminho; Ele faz caminho...

Na caminhada para Naim, com Jesus iam os seus discípulos, que formavam o segundo círculo. Depois havia o terceiro grupo, que era a numerosa multidão (Lc 7,11). No texto de Lucas, há um silêncio nessa caminhada. Nenhuma palavra. Só há um caminho, só uma direção: Naim!

Eu e o Caco caminhávamos. Várias vezes dizíamos: “Jesus passou por aqui!”. Outras vezes, olhávamos para trás, imaginando Jesus alertando os que o seguiam:

– Mais rápido, gente! Temos que chegar a Naim! – Repetíamos essas palavras em voz alta, imaginando a cena daquele cortejo silencioso...

Nesse início da nossa caminhada, a trilha estava bem sinalizada, e até o piso era feito com pequenas lajotas. Logo imaginamos que tudo ia ser assim até Naim e seria uma maravilha percorrer o trajeto que havíamos planejado. Uma ilusão que iria durar pouco tempo. Sem querer, abraçamos e emocionados quase falamos ao mesmo tempo:

² BENTO XVI. *Terra Santa, quinto evangelho.*

– O nosso sonho está se realizando!

Havia muitas flores silvestres à beira do caminho. Na Terra Santa, as flores nesta época de primavera estão por toda parte e elas dão um colorido diferente à paisagem. Difícil era não agradecer a Deus, louvar e bendizer... Nosso caminho era belo, florido. Interessante que quase todas as flores silvestres que encontramos no caminho possuíam espinhos nos seus caules. Parecia que se protegiam dos caminhantes, possibilitando apenas às abelhas desfrutarem de seu pólen.

À nossa direita já se podia ver o Monte das Bem-Aventuranças*. Caco recordou:

– Foi lá em cima que Jesus subiu com os discípulos e com uma grande multidão!

E foi lá do monte que Jesus proclamou uma das passagens bíblicas mais belas que o mundo pôde ouvir. Alguns dias antes, nós estávamos lá em cima com todo o grupo de peregrinos de Londrina. Lá celebramos a nossa primeira missa numa capela ao ar livre, debaixo de uma árvore, de onde podia ver o Mar da Galileia e também a cidade de Cafarnaum. Assim como Moisés subiu ao Monte Sinai (Ex 19,3) e desceu com as tábuas da Lei, Jesus subiu ao monte e nos deu a nova Lei. Sentando-se, Jesus ensinava aos seus discípulos e à multidão, dizendo:

Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus.

Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.

Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados.

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.

Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançaram misericórdia.

Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus.

Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus.

Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus.

Bem-aventurados sois, quando vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo mal contra vós por causa de mim. Alegrai-vos e regozijai-vos, porque será grande a vossa recompensa nos céus, pois foi assim que perseguiram os profetas, que vieram antes de vós (Mt 5,3-12).

Esse texto é do Evangelho de Mateus. Em Lucas, as bem-aventuranças são proclamadas no sermão da planície (Lc 6,17) e são mais breves, somente quatro, e são seguidas de quatro “ai de vós!” (Lc 6,20-26), correspondentes a cada uma das quatro bem-aventuranças.

À nossa esquerda estava Tabga*. No portão, podíamos ver o símbolo da Custódia da Terra Santa dos Franciscanos*. Tabga foi o lugar da multiplicação dos pães (Mt 14,13-21; Mc 6,31-44; Lc 9,10-17; Jo 6,1-13). Jesus saciou a multidão faminta, ensinando-a a partilhar o pouco que cada um tinha. E é ali também à beira do mar, não muito distante, que se encontra hoje uma bela e pequena igreja, chamada Igreja do Primado de Pedro*, pois, segundo a tradição, foi neste local que Jesus apareceu aos discípulos depois da Ressurreição e ofereceu a eles um peixe assado e então confirmou a missão de Pedro de apascentar o seu rebanho (Jo 21,1-23). A igreja foi construída sobre uma pedra que, de fato, tem o formato

de um pequeno forno. Fora dela, outra pedra que tem a forma de um coração, segundo a tradição, indica o local onde Jesus confirmou Pedro como chefe do grupo dos discípulos que iriam continuar a missão após a sua partida.

Caco encontrou um pedaço de um galho de eucalipto que parecia ter sido cortado para ele e a partir daquele momento serviu de cajado... Logo o caminho, que parecia tão perfeito, acabou, e tivemos que continuar por um atalho. Havia uns espinhos perigosos e dos quais devíamos desviar. Eu estava com sandálias nos pés e era mais fácil ser ferido por eles. Uns mosquitinhos chatos passaram a nos incomodar, embora não picassem; grudavam-se ao corpo, no pescoço, orelhas, por tudo... Nem tudo podiam ser somente maravilhas.

Por outro lado, os passarinhos eram abundantes. Cantavam muito, saudando o novo dia. Para nós, eles eram um presente de Deus. Era como se eles nos dessem as boas-vindas e desejassem que tivéssemos uma boa caminhada. E havia pedras por todo o lado. Recolhi uma pequenina que encontrei para levar como recordação. Isso eu fui fazendo ao longo do caminho.

Depois de uma hora de caminhada, chegamos num posto de combustível. Miguel aguardava-nos para ver se tudo estava bem. Tomamos um café, renovamos o estoque de água. E logo retomamos o nosso caminho, que nesse ponto estava bem sinalizado. Enquanto caminhávamos, eu e o Caco íamos recordando os dias que passamos com o grupo. Havíamos visitado os lugares mais importantes da Terra Santa. O grupo nessa hora estava voando, retornando ao Brasil; deviam estar sobrevoando o Atlântico.

A partir daí, a trilha deixava de seguir a estrada que margeia o mar e adentrava para o interior rural, formado de pequenas propriedades e várias culturas agrícolas.

A paisagem continuava sempre bela e diferente. Na região havia plantações de frutas, como bananas, mangas, laranjas, oliveiras... Isso deixava um perfume gostoso no ar, e então nos recordávamos do Miguel quando estava num lugar bom e sempre nos dizia:

– Aqui temos uma boa Ruah*! – Bebemos água e prosseguimos nossa caminhada.

E onde há flores e frutas, as abelhas estão presentes. Abelha em hebraico é “deborah”. Lembramos-nos da juíza Débora (Jz 4,4ss) e seu trabalho a serviço do povo. As abelhas são *déboras*; elas produzem o mel, um dos elementos da promessa: “Eu vos conduzirei a uma terra que corre leite e mel” (Ex 3,8). O mel era o símbolo da doçura, da alegria; bem ao contrário, da vida amarga (Ex 1,14) que a escravidão do Egito trouxe ao povo de Deus.

Já havíamos andado um bom trecho quando passamos pelo leito de um rio seco. Só estava ali seu leito cheio de pedras. Um pouco abaixo havia uma pequena ponte velha sobre a qual passava uma pequena estrada. Por que teria morrido o rio? O que teria acontecido com suas fontes e nascentes? Os rios também morrem...

E foi então que encontramos as primeiras pessoas que também caminhavam, porém em sentido oposto ao nosso. Percebemos logo que eram europeus, carregavam uma mochila grande nas costas e seguiam firmes sem olhar para os lados e sem conversar. Nós os saudamos com o Shalom, e eles nos responderam em inglês:

– *Good morning!*

O caminho era plano e por isso fácil de percorrer, e assim chegamos a Migdal ou Magdala*, cujo nome significa “torre” em hebraico. Era a cidade de Maria de Magdala ou Maria Madalena*. Essa mulher foi muito importante na vida de Jesus; ela era a líder do grupo das discípulas que seguiam e serviam Jesus (Lc 8,1-3). Perguntei ao Caco:

– Será que Maria Madalena estava junto com o grupo da multidão que acompanhou Jesus na caminhada para Naim?

E falamos sobre isso e sobre a importância das mulheres no projeto de Jesus. Naquele tempo, as mulheres eram discriminadas, e Jesus inovou ao aceitar que as mulheres o seguissem como discípulas. E é Lucas quem nos informa que havia um grupo de mulheres que seguiam Jesus desde a Galileia. E o evangelista dá-nos inclusive o nome de algumas: Maria Madalena, Joana, Suzana (Lc 8,1-3), dizendo que elas o serviam com aquilo que possuíam. Embora uma interpretação ao pé da letra seja de que elas serviam com os “seus bens”, é preciso evitar uma visão de que esses bens eram somente econômicos, já que os bens materiais na época, em geral, eram propriedades dos homens. Um grupo de mulheres seguia Jesus e o serviam com aquilo que possuíam de melhor: com o jeito feminino de servir, ajudavam a prover as necessidades de Jesus³.

– E Maria Madalena era mesmo uma prostituta? – perguntou Caco.

³ Cf. projeto de pesquisa PIBIC em andamento da aluna Patrícia Zaganin Rosa Martins.

– Não! Maria Madalena nunca foi prostituta⁴. O texto de Lucas diz que dela saíram sete demônios (Lc 8,2), mas não diz que tipos de demônio eram. Foi somente a partir do século IV depois de Cristo que Maria Madalena passou a ser confundida com a mulher pecadora de Lc 7,36-50. Essa mulher, que não tem nome, talvez fosse uma prostituta, mas não era Maria Madalena.

Os sete demônios que Lucas informa que saíram de Maria Madalena poderiam significar outros pecados ou problemas que ela tivesse. Poderiam até mesmo ser as concepções erradas que lhe haviam sido incutidas, como os fariseus faziam, dizendo que as mulheres não podiam ler e estudar a Torá, que não podiam ser discípulas de um Mestre... Maria Madalena teve que se livrar desses preconceitos contra as mulheres da época para se tornar livre e seguir Jesus. Ela acompanhou o Mestre Jesus até o caminho da cruz e liderou o grupo das mulheres que foram ao sepulcro na manhã do domingo da Ressurreição (Mt 28,1-8; Mc 16,1-8; Lc 24,1-8). No Evangelho de João, Maria Madalena foi sozinha ao sepulcro na manhã do primeiro dia da semana e foi a ela que Jesus apareceu ressuscitado. Depois Jesus a enviou com a missão de ir anunciar e reunir os apóstolos que haviam se dispersado com a morte de Jesus (Jo 20,1-18). Maria Madalena recebeu do próprio Jesus o encargo de ir anunciar o que viu e ouviu: “Jesus lhe disse: ‘Não me retenhas, pois ainda não subi ao Pai. Vai, porém, a meus irmãos

⁴ Recomendo a leitura do livro *Maria Madalena: de personagem do Evangelho a mito de pecadora redimida*, de Lilia Sebastiani, e meu artigo *O despertar de Maria Madalena*, publicado em 2012 pela revista *Estudos Bíblicos*.

e dize-lhes: Subo a meu Pai e vosso Pai; a meu Deus e vosso Deus'. Maria Madalena foi anunciar aos discípulos: 'Vi o Senhor', e as coisas que Ele lhe disse" (Jo 20,17-18). Por isso, na Igreja, Maria Madalena é chamada "Apóstola dos Apóstolos"⁵.

Hoje, na antiga Migdal, há escavações em que os arqueólogos estão pesquisando e recuperando os restos da cidade onde Maria Madalena morava. Foi descoberta uma antiga sinagoga da época de Jesus. E a Igreja está construindo um local que será museu, hospedaria e casa de encontros de peregrinos. Na encosta da montanha, à nossa direita, está a cidade atual de Migdal. Há muitas flores em Migdal... Essas flores que nos fazem recordar uma mulher corajosa e que foi a fiel discípula de Jesus de Nazaré.

Enquanto caminhávamos, sentíamos passar sobre nossas cabeças os aviões de guerra de Israel. No dia anterior, Israel havia identificado um carregamento de mísseis que ia da Síria para o grupo Hezbollah no Líbano. Israel bombardeou o aeroporto da Síria. Sentia-se certa tensão no ar, mas Miguel nos garantiu que tinha sido uma operação pontual e que podíamos caminhar tranquilos. De fato, a Síria estava pertinho de nós. Era possível ver ao longe as colinas de Golã. Não víamos os aviões, somente ouvíamos o som

⁵ O primeiro a dar esse título a Maria Madalena foi Hipólito, bispo de Roma (170-235). Tomás de Aquino, na esteira da Patrística, sobretudo do Oriente, reserva a singular qualificação de "apóstola dos apóstolos" (*apostolorum apostola*), dedicando-lhe este bonito comentário: "Como uma mulher tinha anunciado ao primeiro homem palavras de morte, assim uma mulher foi a primeira a anunciar aos apóstolos palavras de vida" (PERONDI, I. *O despertar de Maria Madalena*, p. 141; ARRUDA, L. *Mulheres na vida de Jesus: a história das primeiras discípulas*, p. 159-167).

dos motores. Aqui as guerras e os conflitos fazem parte do dia a dia das pessoas.

Caco andava na minha frente e conseguiu ver uma espécie de esquilo, grande e muito bonito, que apareceu à beira do caminho no meio de umas pedras. O bichinho não se assustou com a nossa presença. Fez sua graça e mansamente seguiu seu caminho.

Um pouco adiante de Migdal, uma indicação da trilha nos encaminhou para subir uma montanha. Porém logo nos demos conta de que o caminho não era naquela direção. Foi a primeira vez que nos perdemos. Tivemos que voltar e recomeçar tudo outra vez. À beira da estrada havia um pequeno negócio, e o dono, que só falava árabe, entendeu nosso problema e, com gestos, nos indicou o rumo que deveríamos percorrer. E bastou andar alguns passos e já encontramos uma marca da trilha, e isso nos indicava que estávamos no caminho certo novamente.

As plantações de trigo e de frutas estavam por tudo. Na Galileia, pratica-se hoje uma agricultura com alta tecnologia, que produz frutos de boa qualidade. Notamos a presença de muitas formigas cortadeiras com seus trilhos, que iam das plantações que devoravam até seus ninhos. Notamos que havia, entre as plantações, algumas ervas daninhas conhecidas nossas e que também estavam por aqui, como o picão e a tiririca.

Logo encontramos mais pessoas que vinham no sentido oposto ao nosso. À nossa esquerda, víamos uma grande plantação de tamareiras e, à nossa direita, uma plantação de melões. Ao longe, podíamos ver a cidade de Tiberíades*, hoje a mais importante da Galileia.

E então as setas indicavam que a trilha seguia em direção ao monte dos chifres, passando em meio às plantações. Como a terra é prodigiosa! Há quantos anos continua dando seu fruto, alimentado esse povo? Nesta época chove pouco. As grandes chuvas acontecem entre os meses de novembro a março. Em abril e maio são muito escassas, depois chega o período da seca...

Contemplando a rica variedade de plantas, flores, frutas, animais e insetos que encontramos à beira do caminho, era possível pensar como Jesus também via essa paisagem. Talvez ao seu lado caminhassem Pedro, Tiago e João, os três discípulos que estavam com Jesus nos momentos mais importantes (Mc 1,29; 5,37; 9,2; 13,3; 14,33; etc.). Jesus deveria ter falado do Reino, contado parábolas... Recordamos algumas parábolas famosas de Jesus que falavam da realidade dos campos. Jesus via, contemplava, tirava mensagens, ensinava... Mais de mil anos depois de Jesus, viveu São Francisco de Assis. Ele também nos ensinou a amar as criaturas, a quem chamava de irmãs. Francisco compôs um cântico muito bonito, chamado Cântico das Criaturas, que louva a Deus pela Criação e que eu trazia entre as minhas orações:

*Altíssimo, onipotente e bom Senhor,
Teus são o louvor, a glória e a honra
E toda a bênção.
Só a ti, Altíssimo, são devidos;
E homem algum é digno
De te mencionar.
Louvado sejas, meu Senhor.
Com todas as tuas criaturas,
Especialmente o senhor irmão Sol,*

*Que clareia o dia
E com sua luz nos alumia.
E ele é belo e radiante
Com grande esplendor:
De ti, Altíssimo, é a imagem.
Louvado sejas, meu Senhor,
Pela irmã Lua e as Estrelas,
Que no céu formaste claras
E preciosas e belas.
Louvado sejas, meu Senhor,
Pelo irmão Vento,
Pelo ar, ou nublado
Ou sereno, e todo o tempo,
Pelo qual às tuas criaturas dás sustento.
Louvado sejas, meu Senhor,
Pela irmã Água,
Que é mui útil e humilde
E preciosa e casta.
Louvado sejas, meu Senhor,
Pelo irmão Fogo
Pelo qual iluminas a noite.
E ele é belo e jucundo
E vigoroso e forte.
Louvado sejas, meu Senhor,
Por nossa irmã a mãe Terra,
Que nos sustenta e governa
E produz frutos diversos
E coloridas flores e ervas.
Louvado sejas, meu Senhor,
Pelos que perdoam por teu amor*

*E suportam enfermidades e tribulações.
Bem-aventurados os que as sustentam em paz,
Que por ti, Altíssimo, serão coroados.
Louvado sejas, meu Senhor,
Por nossa irmã a Morte corporal,
Da qual homem algum pode escapar.
Ai dos que morrerem em pecado mortal!
Felizes os que ela achar
Conformes à tua santíssima vontade,
Porque a morte segunda não lhes fará mal!
Louvai e bendizei a meu Senhor,
E dai-lhe graças,
E servi-o com grande humildade.⁶*

– Muito bonito! São Francisco é sempre atual – disse Caco.

– Sim, e o seu canto também. É importante notar no cântico a alternância do masculino e feminino: o sol e a lua; o vento e a água; o fogo e a terra, etc.

E enquanto falávamos disso, fomos percebendo que a planície logo iria acabar. Sabíamos que havia uma regra: enquanto se caminhava, devia-se evitar conversar, pois isso tirava energias. De fato, as pessoas que encontrávamos pelo caminho andavam em silêncio. Mas nós dois éramos caminhantes diferentes. E foi assim que chegamos a uma cidadezinha chamada *Kefar Zeitim*, na encosta de uma colina defronte ao majestoso Monte Arbel. Já era meio-dia.

Outra vez perdemos as indicações do caminho, pois a trilha que seguíamos terminava numa estrada asfaltada

⁶ *Escritos de São Francisco*, p. 70-72.

que estava sendo reformada, e com certeza as máquinas haviam removido as marcas que sinalizavam nosso rumo. Subimos por um caminho e percebemos que havia um cemitério árabe. Mais um pouco adiante, o caminho nos levava a uma bela visão da região. Mas não havia mais sinais da trilha. Então voltamos à cidadezinha e num quiosque compramos água. Pedimos informações, mas a mulher fez de conta que não nos entendia e ficou assistindo a seu filme pela internet.

Do outro lado da estrada havia quatro ônibus estacionados e debaixo das árvores estavam os motoristas descansando. Fomos pedir ajuda para encontrar nosso trajeto. Só um deles falava um pouco inglês e tentou nos ajudar. Eles estavam ali esperando os grupos de estudantes que logo iriam chegar. O motorista nos disse que estávamos fazendo o caminho pelo lado inverso. Eles haviam deixado os estudantes no topo da montanha. Logo eles chegariam ali. O motorista então nos disse que o caminho seria difícil.

– O caminho é para os jovens – disse ele em inglês, olhando para nós e imaginando nossos mais de 50 anos. E ainda nos disse que havia uns degraus para subir.

– O que você acha, eu posso fazê-lo? – perguntou o Caco.

– Poder, pode. Mas é difícil, pois em geral quem sobe este monte são pessoas jovens e fortes.

O Caco caiu na maior risada e disse:

– Certamente não é o meu caso.

– Vocês devem subir a montanha. O melhor seria vir em sentido contrário, porque sempre é melhor descer a montanha do que subir.

Andamos mais um pouco e encontramos quatro jovens israelenses, descansando debaixo de uma árvore. Elas também faziam a caminhada. E também vinham no sentido inverso ao nosso. Uma delas falava bem o inglês e, analisando o mapa, deu-nos as orientações. E partimos novamente. Porém, por descuido, não vimos a seta e erramos o caminho. Acabamos entrando no meio de uma vegetação. Havia sinais de outro caminho, marcado com as cores verde e branca. Mas a nossa trilha era com as cores preta e laranja. Então tivemos contato com um pequeno rio, com água limpa e com um rebanho de cabras. Nós nos divertíamos vendo o seu andar elegante. Algumas mais velhas; outras mais novas e os filhotes recém-nascidos. E logo identificamos o bode, todo orgulhoso. Pouco depois apareceu o pastor e conduziu o rebanho seguramente para alguma pastagem. A cena era bela, pois nos remetia à Bíblia. Às ordens do pastor o rebanho obedecia docilmente. Então nos lembramos do Salmo 23: “O Senhor é meu pastor e nada me falta”. E também do capítulo 10 do Evangelho de João, onde Jesus é o Bom Pastor.

Um pouco adiante, havia gado debaixo dos arbustos... Um riozinho com águas limpas passava por ali. Era fácil atravessá-lo. Mas não víamos nenhum sinal do nosso caminho. À nossa esquerda estava a montanha. Era possível ouvir as vozes dos grupos de estudantes que desciam a montanha. O caminho era naquela direção. Era preciso voltar novamente e recomeçar tudo outra vez, desde o local onde havíamos encontrado as quatro jovens.

Para nossa sorte e segurança, agora a trilha preta e laranja estava à nossa frente e muito bem sinalizada e também cuidada. E começamos a subir o Monte Arbel. Passava

das treze horas. O sol era forte. Devíamos tomar água seguidamente. O caminho era em curvas para facilitar a nossa subida (e a descida daqueles que faziam a rota normal). Logo encontramos um grupo de adolescentes estudantes. À frente ia o guia. Pedimos informações. Quando o guia viu a bandeira do Brasil, ficou feliz e começou a falar em português. Tive uma impressão de que os jovens riam de nós, do nosso amadorismo. Quem caminha deve conhecer a rota, as marcas, usar roupas e calçados adequados. Eu estava de sandálias; Caco de bermudas... E andávamos na contramão.

Quanto mais subíamos a montanha, mais linda era a visão. Víamos o Mar da Galileia ao fundo e a planície, as plantações e a cidade de Tiberíades. No alto, ao longe, era possível ver as colinas de Golã na divisa com a Síria. Vez por outra, ainda passava um caça israelense.

O Monte Arbel chama-se assim por ser o monte da guerra, não se sabe desde quando. Aqui devem ter ocorrido muitas guerras. Os judeus chamam-no também de *Hitim* por causa da sua forma. De fato, ele se parece com dois chifres. Devido a uma irrupção, a montanha se dividiu, formando uma enorme fenda. Foi no meio dessa fenda que tínhamos errado o caminho e encontrado as cabras. A outra parte chama-se Monte Nitay. Foi ali que os Cruzados foram derrotados por Saladino, que armou uma emboscada e ateou fogo dos dois lados, e a maioria do exército cruzado morreu queimada...

No entanto, ao subir a montanha de Arbel, as forças iam diminuindo. Não é difícil imaginar que, ao lado de Jesus, estava Simão Pedro. Jesus havia mudado o nome de Simão, impondo-lhe o nome de Pedro (Lc 6,14). O novo nome deriva de “pedra”. Embora Lucas não o diga, pode-

mos imaginar um diálogo entre Jesus, que seguia à frente, e Simão Pedro, que caminhava ao seu lado, subindo a montanha cheia de pedras e rochas, enquanto a multidão cansada e exausta quase não conseguia mais acompanhar o ritmo da caminhada e ficava cada vez mais distante de Jesus.

– Pedro, olhe que pedras enormes!

– Sim, Senhor. Mas por que me deste este nome estranho. Por que devo ser uma pedra?

– Simão, filho de Jonas. Você sabe que o nome traz a identidade da pessoa. Antes de me seguir, você era um pescador... Agora você será pedra.

– Mestre, eu não consigo entender o que está querendo dizer...

– No nome pedra está o que eu quero de ti. Em nossa língua hebraica, pedra é אֶבֶן ('even). Com as duas primeiras letras é possível formar a palavra אב ('ab) “pai” e com as duas últimas forma-se a palavra בן (ben) “filho”. Portanto é isto que eu quero de ti: que sejas pai dos meus discípulos e ao mesmo tempo que sejas como um filho. Assim você formará uma família... Família que deve ter solidez e firmeza como estas pedras que sobrevivem às intempéries, às dificuldades do caminho.⁷

Quantos diálogos como esse devem ter ocorrido neste caminho? Não saberemos nunca. O fato é que a caminhada prosseguia. Jesus tinha pressa.

⁷ Esta explicação para o nome de Pedro foi-nos dada, alguns dias antes, pelo Miguel à beira do Mar da Galileia. Achei muito interessante. A língua hebraica permite esse tipo de construção. Outra possibilidade é que o nome “Pedro” derive da palavra aramaica “*Kephas*”, que significa “rocha, pedaço de pedra”.

E assim chegamos ao alto da montanha. Havia belas grutas encravadas na montanha. Nelas se refugiaram e viveram judeus que fugiam da perseguição romano-bizantina. Do outro lado estava a outra montanha Nitay. Uma enorme pedra havia se desgrudado e estava pendurada na montanha. Há quanto tempo estava lá?

Havia pouco verde, muitas pedras. Mesmo assim, era possível ver os sinais de vida, com a vegetação própria da montanha. As flores surgiram com uma vivacidade muito forte, querendo mostrar que a vida é bela mesmo em meio à dureza e ao sofrimento. Pequenos lagartos surgiam entre as pedras. Os passarinhos cantavam. Soprava um vento bom, que ajudava a reduzir o calor do sol. Essa Ruah nos fazia bem. O caminho de fato é feito de encontros e desencontros. Lembrei-me de uma poesia que sabia de cor desde a juventude:

O CAMINHO

*Possa você encontrar
ao longo do seu caminho:
em cada estrada, uma rosa,
em cada rosa, um caminho,
em cada céu, um azul,
em cada azul, a bonança,
em cada noite, uma estrela,
em cada estrela, a esperança,
em cada amigo, um irmão,
em cada irmão, um valor...*

*Possa você encontrar
ao longo do seu caminho
muito mais rosas e rosas,
mais rosas do que espinhos!*

(Autor Desconhecido)

Sim, encontrávamos mais coisas belas do que tristes. Eram paisagens, pessoas, elementos da natureza... Ouvimos novamente, ao longe, uma algazarra de mais um grupo de estudantes que descia a montanha. Estavam uniformizados, todos vestidos com roupas iguais. Eram judeus e nos saudavam:

– Shalom!

A montanha erguia-se impetuosa. Estávamos cansados. Chegamos onde havia uma grande pedra e uma árvore. À sua sombra nos sentamos e descansamos e então comemos o nosso lanche e bebemos água. Outro grupo de estudantes passou por nós. Uma menina estava sem o boné. O sol era forte. Como eu tinha vários do Brasil, saudei-a com o Shalom, e ela respondeu “Shalom” sorrindo. E então ofereci a ela um boné do Brasil. A menina agarrou-o como se fosse um troféu:

– Brazilllll! – gritou ela. – *Todah rabbah!* (Muito obrigado!).

Aí todos os demais queriam um também. O Brasil é um país querido pelo mundo afora, por isso qualquer lembrança do Brasil é um bom presente que todos querem.

Ali diante da montanha contemplamos a paisagem. Olhamos, ouvimos, sentimos a natureza e a vida. E então busquei o Salmo 104 e o recitamos louvando a Deus pela beleza e perfeição da criação.

“Bendize ao Senhor, ó minha alma!

Senhor, meu Deus, como és grande! (...)

Bendize ao Senhor, ó minha alma!”

E logo depois retomamos o caminho... Esperávamos que a trilha seguisse contornando a enorme muralha da

montanha. Porém não víamos caminho nem para a direita e nem para a esquerda. Ali havia algumas árvores, e debaixo delas um grupo de estudantes fazia o seu lanche. Perguntamos por onde seguia o caminho. E eles nos apontaram para cima.

– Santo Deus! – exclamei ao ver o que nos esperava. Devíamos escalar a montanha. Lá estavam os ganchos. Eu fui à frente, e o Caco veio logo atrás. O melhor era não olhar para baixo. Passo a passo, fomos subindo. Somente quando chegamos ao topo é que nos demos conta do que tínhamos feito. E então nos abraçamos emocionados:

– Vencemos o Monte Arbel!

Lá de cima, a visão era fantástica⁸. A altura é de aproximadamente 500 metros acima do nível do Mar da Galileia. Para qualquer dos lados que olhássemos havia uma paisagem magnífica a ser contemplada. E sempre o Mar da Galileia aparecia com uma visão ainda melhor, com destaque para a cidade de Tiberíades.

Ficamos imaginando Jesus neste lugar, contemplando a paisagem: montanhas e planícies; mar e terra; pedras e árvores; flores e frutos; pássaros e animais; cidades e campos; sons e silêncios... Tudo falava de Deus, da sua obra da criação. Foi nessa terra que Deus fez história com seu povo. A boa notícia de Deus podia ser vista, sentida, pisada, contemplada... O quinto Evangelho ajuda a ler, entender e atualizar os outros quatro relatos da boa notícia de Jesus Cristo.

⁸ Na internet existem alguns vídeos bons em que se podem ver o Monte Arbel e também a trilha por onde passamos. Veja: <<http://www.cafetorah.com/Monte-Arbel>>.

E assim o Monte Arbel se transformava em nosso Tabor. Fazíamos uma experiência incrível. Recordamos as palavras de Pedro quando estava com Jesus no monte: “É bom estarmos aqui!” (Lc 9,33). O vento suave soprava, e se Miguel estivesse aqui, diria com toda a certeza:

– Aqui tem uma boa Ruah!

Então nos demos conta de que já não éramos mais os mesmos. A caminhada e o monte ajudaram-nos a fazer a experiência de caminhar com Jesus:

– Estamos crescendo à medida que caminhamos! – disse Caco.

Havia uma pequena praça e alguns bancos para sentar. Aproveitamos a sombra de uma árvore e fizemos mais um momento de oração. Primeiramente, agradecemos por ter conseguido subir a montanha. Aquilo era um troféu para nós! Mas era também uma graça de Deus. Agradecemos tanto a Deus por nos ter ajudado e orientado, pois todas as vezes que havíamos errado o caminho, logo conseguimos encontrar a via certa e prosseguir. Lembramos mais uma vez da Bíblia, que nos ensina: “A tua palavra é lâmpada para os meus pés e luz para o meu caminho” (Salmo 119,105). Caco recordou uma canção que dizia:

“Quando pediste o meu sim, já nem me lembro em que parte eu estava. Na minha fome de andar, nem perguntei onde a estrada levava. Na minha fome de andar, nem perguntei onde a estrada levava...”⁹.

⁹ Trecho da música “Não precisavas de mim”, do Pe. Zezinho.

Ali também nos lembramos de Jesus e seu grupo de caminhantes. Como teria sido aquela caminhada? Com certeza, eles não se perderam como nós. Na época, as pessoas se movimentavam caminhando. Os caminhos eram conhecidos. Jesus deveria conhecer bem o caminho. Eles também deveriam conhecer bem as fontes de água. Sabiam os locais seguros para as paradas e os descansos... O fato é que estávamos no caminho de Jesus:

– Sim, Ele passou por aqui a caminho de Naim!

Concluimos rezando um Pai-Nosso, agradecendo a Deus. Talvez Jesus, com seus discípulos e a multidão, aqui ou em algum lugar, na caminhada para Naim, tenha rezado essa oração. Nessas paradas, com certeza Jesus deve ter contado alguma parábola, rezado Salmos, cantado hinos...

As montanhas têm esse fascínio. Quando estamos no alto das montanhas, temos a sensação de estar mais perto de Deus. Na Bíblia, muitos fatos importantes aconteceram nas montanhas. Jesus mesmo teve sete momentos importantes da sua vida ligados às montanhas¹⁰.

E assim íamos fazendo a nossa travessia. “Passo a passo, pouco a pouco o caminho se faz.”¹¹ O povo de Deus saiu do Egito e foi atravessando o deserto, enfrentando e superando as dificuldades, e caminhando prosseguiu rumo à Terra Prometida. Caco lembrou que a caminhada do povo foi mais difícil:

¹⁰ PERONDI, I.; FERREIRA, E.; MARÇAL, M. E. S. R., *Santo Livro*, p. 59-64.

¹¹ CNBB. *Travessia: passo a passo, o caminho se faz. Ex 15,22-18,27*. Subsídio para o mês da Bíblia 2011.

– Mais longa e com tantos problemas. E Moisés e o povo não tinham o suporte que nós temos hoje – respondi.

– O povo de Deus caminhava, “só tinha a esperança e o pó da estrada” – como diz o canto “O povo de Deus”.

Nesse ponto onde estávamos, a trilha estava bem demarcada e bem conservada. E então chegamos à sede do Parque Arbel. Compramos algumas coisas no quiosque, e a mulher nos indicou o caminho. Aproveitamos para descansar. Caco deitou num banco à sombra de uma árvore para tirar uma pequena soneca.

Quando acordou, perguntei:

– Você está cansado?

– Um pouco... Mas estou entusiasmado com tudo o que vimos, por onde passamos. Quando planejamos a viagem, nunca imaginamos que iríamos passar por estes lugares!

– Você disse que está entusiasmado... Você sabe o que quer dizer essa palavra e de onde vem?

– Nem faço ideia...

– Vem do grego: *en* + *Teós*, significa estar em Deus, sentir-se com Deus, encher-se de Deus. É uma expressão muito bonita, que quer definir o sentimento de uma pessoa que está cheia de Deus. Acho que foi isso que Jesus sentiu quando estava no Tabor. Na Bíblia, as montanhas indicam os lugares mais apropriados para o encontro com Deus. As pessoas de Deus gostavam de subir montanhas porque se sentiam bem; sentiam-se perto de Deus...

– Então nós estamos entusiasmados! – gritou Caco.

Era isso o que Jesus fazia: conseguia colocar a presença de Deus nas pessoas. Pessoas fracas, doentes, pobres, excluídas, marginalizadas sentiam-se revigorar com as ações

de Jesus. Ele conseguia transmitir uma mensagem divina, colocar Deus dentro das pessoas.

– Por isso os Evangelhos narram que Jesus expulsava demônios... – disse Caco.

– Sim, naquele tempo, as pessoas se sentiam doentes, oprimidas e enfraquecidas. Achavam que estavam possuídas por demônios. Algumas doenças, que hoje a psicologia e as ciências conseguem identificar, naquela época não eram conhecidas. Então os “demônios” habitavam dentro das pessoas. Jesus conseguia libertar esses “demônios” e introduzir nelas a presença de Deus.

– Jesus deixava as pessoas entusiasmadas!

– Isso mesmo! Por isso tantas vezes Jesus dizia às pessoas: “A tua fé te salvou” (Mt 9,22; Mc 5,34; 10,52; Lc 7,50; 8,48; 17,19). Quando as pessoas deixavam a força de Deus agir dentro delas, as doenças, demônios, espíritos maus, etc. saíam de seu interior. Outras vezes, Jesus acrescentava: “Vai em paz” (Mc 5,34; Lc 7,50; 8,48) ou dizia saudando: “A paz esteja convosco!” (Lc 24,36; Jo 20,19.21.26). Hoje as nossas línguas não conseguem transmitir a força das palavras de Jesus. Porque Jesus não falava “paz”, mas dizia “Shalom”¹², essa palavra hebraica tão bonita e tão rica em significados. Colocar o Shalom dentro das pessoas era encher as pessoas de paz, de harmonia, de entusiasmo, de bem-estar, de relações de amor...

– É isso que nós precisamos fazer hoje. Mas como podemos entusiasmar as pessoas e fazer com que se apaixonem por Cristo e por sua proposta?

¹² PERONDI, I.; FERREIRA, E.; MARÇAL, M. E. S. R., *Santo Livro*, p. 29-34.

– Nós temos a Palavra de Deus. Ultimamente, a Igreja tem incentivado muito a leitura e o estudo da Bíblia. Eu sou testemunha disso. Quantas pessoas que se entusiasmam quando começam a ler, meditar e viver segundo a Palavra de Deus. Eu acho que era isso que Jesus também sentia. Jesus era Mestre e ensinava, atualizava a Palavra. Certa vez, fui visitar uma catequista enferma no hospital, e ela me pediu uma palavra da Bíblia. Li para ela Is 35,3-4: *Fortaleçam as mãos cansadas; firmes os joelhos cambaleantes. Digam aos corações desanimados: sejam fortes! Não tenham medo! Eis o vosso Deus, Ele vem para redimir; Ele traz um prêmio divino, Ele vem para salvar vocês!* Ela abraçou e beijou a Bíblia, e aquelas palavras foram como um bálsamo para a sua alma.

– Esta deve ser a alegria e a realização de ser professor de Bíblia... – disse Caco.

– Posso confessar que, como professor de Bíblia, eu vivo isso. Mas, ao mesmo tempo, tenho minhas angústias. Tenho alunos que estudam Bíblia no Curso de Teologia só com o objetivo de conseguir a nota e concluir o curso. Alguns deles serão padres depois, mas a Palavra parece cair em meio às pedras ou espinhos; assim a Palavra não cria raiz, não entusiasma... Fico muito triste quando vejo alguns alunos que não se deixam penetrar pela Palavra de Deus. Por outro lado, é um conforto quando eu vejo meus alunos e as pessoas lendo a Bíblia e constato que essa Palavra produz frutos. É bonito perceber que a Palavra mexe com as pessoas, penetra na vida delas como a chuva quando cai na terra. Ou então quando vejo alunos meus que me superam, que descobrem mensagens novas, que se encantam e se

deixam encantar pela Palavra. São essas pessoas que vão transformar o mundo. Como dizia Jesus: “É estes discípulos que o Pai procura” (cf. Jo 4,23), pois “tendo ouvido a Palavra com coração nobre e generoso, conservam-na e produzem fruto pela perseverança” (Lc 8,15).

A conversa estava boa, mas era hora de continuar nossa caminhada. Ao partir, passamos por uma guarita e custamos a entender o que os guardas queriam. Era tipo um pedágio; tivemos que pagar 13 dólares cada um para continuar o caminho. Disseram que era para manter o Parque Arbel. Em nossa opinião, já que eles cobram, deveriam manter mais bem sinalizadas as trilhas, pois em alguns lugares era fácil perder-se. Mas sobretudo deveriam colocar alguns coletores de lixo à beira do caminho. Na verdade, não vimos nenhum coletor desde o começo da caminhada. E as marcas de lixo estavam por tudo: garrafas de água e refrigerantes, plásticos, papéis, etc. Notamos que, onde os estudantes paravam, deixavam tudo muito limpo, pois os professores tinham o cuidado com a natureza e educavam os alunos. Mas os passantes jogavam o que sobrava em qualquer lugar. A natureza tão pródiga, e que tão bem nos acolhe, não merece esse desrespeito...

O texto de Lucas 7,11-17, quando se refere à caminhada de Jesus, é um mistério. Lucas só informa que Jesus tomou uma decisão rápida e partiu. Não sabemos como foi que Jesus soube da morte do jovem. Não sabemos como Jesus informou os discípulos e a multidão que iria de Cafarnaum a Naim. A única certeza que podemos deduzir dos textos é que Jesus ia à frente. No Evangelho de Lucas, isso é uma constante. Ele sabe o caminho, vai à frente e em seu

seguimento vão todos aqueles que aceitam tomar a sua cruz e pôr-se a caminho (Lc 9,11; 9,23; 19,28; 23,26; etc.).

Lucas não diz nenhuma palavra do que aconteceu e do que se falou nesse percurso de 40 quilômetros. Alguns especialistas calculam que na época essa distância poderia ser percorrida em oito ou nove horas¹³. O início da caminhada parece ter sido na parte da manhã, de modo que chegassem a Naim no final da tarde. O costume na época era mesmo enterrar os mortos no final do dia.

O mistério dessa caminhada nos intrigava. Eu e o Caco vínhamos refletindo a cada instante. Aqui Jesus passou com a sua comitiva. Seguramente, as plantações não eram as de hoje, com uma agricultura com tanta tecnologia, mas, com certeza, havia as plantações de trigo e de frutas. Impossível que Jesus passasse pelas plantações sem nada ver, sem nada refletir e contemplar. Jesus era um fino observador. Ele olhava os lírios do campo, os pássaros do céu, os rebanhos de animais, os frutos das árvores, as pessoas trabalhando... Jesus olhava e tirava lições, criava parábolas e através delas ensinava os discípulos e as multidões.

É certo que Jesus tinha pressa em chegar a Naim. A situação de morte o esperava. Ele era o Senhor da vida. Era preciso chegar a tempo, antes que a sepultura engolisse de vez o filho da pobre mãe. Por isso Jesus tinha pressa. Devia repreender a cada pouco aquela comitiva que deveria conversar, distrair-se pelo caminho:

¹³ SCHÜRMAN, A., *Il vangelo di Luca*, p. 643. Plummer (*A critical and exegetical commentary on the gospel according to S. Luke*, p. 198) indica a distância mais genericamente: "Deve estar distante cerca de uma jornada de Cafarnaum".

– Mais depressa, gente! – era isso que eu e o Caco imaginávamos Jesus dizendo. Repetíamos essa frase olhando para trás...

Mesmo que, quase dois mil anos depois, dois pobres caminhantes quisessem percorrer a mesma estrada, era impossível refazer o mesmo percurso nas mesmas condições. Hoje não conseguimos mais a mesma velocidade, o mesmo ritmo... O mundo mudou demais. Por isso levamos mais tempo. Segundo nos informaram, neste primeiro dia, devemos ter percorrido em torno de 25 quilômetros.

Logo Miguel veio ao nosso encontro e nos conduziu até o local onde se encontram os restos de uma antiga sinagoga da época de Jesus¹⁴. Ali os arqueólogos escavaram. Ficaram de pé as colunas. A construção está voltada para Jerusalém. É possível ver o ambão, onde eram colocados os livros sagrados. Meus pés tremeram ao entrar num lugar tão sagrado, sobretudo porque essa sinagoga estava no caminho de Jesus. Não sabemos quantas vezes Jesus percorreu esse trajeto. Os textos bíblicos nos dizem que Jesus saiu de Nazaré e foi para Cafarnaum (Mt 4,12; Lc 4,31). Logo, Jesus deve ter passado por aqui. Deve ter estado nesse local, sentado numa das cadeiras, deve ter proclamado um texto da Lei ou dos Profetas. Que discussões ou perguntas teria Ele formulado? Então eu não tenho dúvidas: aqui Jesus passou; aqui seus pés pisaram...

¹⁴ Há duas informações diferentes sobre o período dessa sinagoga: uns dizem que é do tempo de Jesus, como Miguel. Outros afirmam que ela era do século IV d.C.

Um pé de figos cresce vigoroso por entre as pedras do que restou da antiga sinagoga que se encontrava no caminho de Jesus! Algumas colunas da sinagoga estão de pé; outras caídas... As pedras guardam o silêncio e a memória do que se passou há tantos anos!

E é aqui que encerramos a caminhada do primeiro dia. Caco estava um pouco mais cansado. Ele tem 64 anos; além disso, um tombo que levou de um cavalo machucou sua bacia. Teve de colocar 12 parafusos no acetábulo. Ele carregava o seu bastão que o ajudava tanto! Estávamos mais do que satisfeitos. Os poucos problemas que tivemos não se comparavam com as maravilhas que vimos. Só tínhamos que louvar a Deus por tudo o que fizemos nesse nosso primeiro dia de caminhada.

Antes de nos conduzir até o local onde iríamos passar a noite, Miguel quis nos mostrar algo interessante. Perto dali está o Santuário de *Nebi Shu'eib*. Logo na entrada, havia uma guarita e nos mandaram parar; o guarda quis saber quem éramos e o que queríamos. Caco e Miguel estavam de bermudas. Ele nos informou que para aproximar-se era preciso estar vestidos com dignidade, com calças compridas. As nossas malas estavam no carro de Miguel. Logo eles vestiram calças sobre as bermudas. Na chegada ao Santuário, havia várias bandeiras coloridas e debaixo das árvores uma boa estrutura, onde pessoas estavam concluindo uma refeição. Parecia haver bastante alegria e serenidade em seus rostos. Miguel nos explicou quem era esse povo:

– São drusos e eles têm Jetro, o sogro do Moisés (Ex 3,1; 18,1-12), como o fundador da sua religião. Segundo sua

tradição, Jetro, que era sacerdote de Madiã, andou pelo mundo como pregoeiro do Deus Único.

Para entrar no Santuário, um senhor pediu que tirássemos os calçados. Também era preciso ter algo que cobrisse a cabeça (boné ou chapéu), e tivemos que vestir uma bata. O local era muito bonito, com tapetes no chão. Não havia bancos ou cadeiras; na parte central em frente estava o túmulo de Jetro; o local estava bem ornamentado com tecidos de cores vivas. Na parte lateral à esquerda, víamos que havia algumas mulheres sentadas no chão em oração... Uma pessoa muito gentil deu-nos algumas explicações sobre a religião, mantendo um clima de mistério. Fizemos um tempo de silêncio respeitoso, depois devolvemos as batas e partimos.

À noite, o nosso destino foi outro kibutz, para onde Miguel nos conduziu, e já havia a nossa reserva no hotel, que é grande e muito bom. Chama-se kibutz Lavi, porque antes havia uma vila que se chamava com esse nome (Lumya em árabe) e provém de uma palavra que aparece uma única vez na Bíblia – לָבִיא (Gn 49,9) – e significa “leoa” no sentido poético.

O kibutz foi fundado em 1949 por jovens e crianças sionistas que vieram da Inglaterra. É um kibutz onde os membros são todos praticantes da religião judaica, e essa é uma das condições para permanecer. Junto com outras pessoas participamos de um giro guiado por uma mulher. Ela nos explicou como funciona o kibutz, as condições de ingresso e as normas para a permanência, o uso das casas, dos carros, as fontes de renda, as dificuldades, etc. Uma frase da guia nos chamou a atenção:

– Internamente vivemos o socialismo, mas nas relações comerciais com os de fora praticamos o capitalismo.

– Como assim? – perguntei.

– Se não fizermos assim, o sistema acaba conosco. É lá fora que precisam ser mudadas as relações. Nós damos o exemplo. Vivemos de forma diferente. Somos felizes. Queremos que o mundo veja que é possível viver uma realidade diversa...

São as contradições do mundo em que vivemos. Devido à sua localização num lugar alto (310 metros acima do nível do mar), o kibutz Lavi tem vários refúgios em caso de guerra ou algum ataque, pois não está distante das fronteiras com o Líbano ou a Síria. Visitamos a sinagoga do kibutz e também o lugar onde se realizam as festas e admiramos o local reservado para a instalação da tenda dos noivos, quando se celebram os casamentos.

Depois da janta, permanecemos no quarto onde refletimos sobre o que vivemos durante o dia. Rezamos os salmos e outras orações da noite, agradecendo por tudo o que vivemos, pelo trajeto percorrido, por ter vencido o Monte Arbel. E pedimos a ajuda de Deus para a etapa do dia seguinte. Foi nesse momento que nos lembramos das pessoas. O grupo que havia peregrinado conosco já estava chegando ao Brasil. Quantas pessoas nos ajudaram, desde aquelas que trabalham nas agências. Lembramos-nos do Miguel, nosso bravo guia; das pessoas que encontramos pelo caminho. A cada nome repetíamos o refrão do Salmo 136 em hebraico כִּי לְעוֹלָם חַסְדּוֹ (Ki le'olam asdô!): “Porque o seu amor é para sempre!”.

Então Caco telefonou para a Rita, sua esposa. Conversaram um bom tempo. Quando desligou, quase chorava de saudade. Então ele me falou da Rita, das suas três filhas, da netinha Ana Carolina, que iria nascer dentro de um mês... Conversamos sobre a importância e o valor das famílias no mundo de hoje. Infelizmente, os meios de comunicação e quem domina o mundo tentam a todo custo destruir as famílias. Lembrei-me da minha mãe, dos meus irmãos e irmãs. Recordei também dos freis que moram comigo, minha família atual...

Neste momento, Caco começou a gritar de dor ao sentir câimbras fortes. As pernas tremiam.

– Me ajude!

E eu não sabia o que fazer. Depois comecei a fazer inflexões nos pés, e aos poucos as dores foram se acalmando... Era o resultado da caminhada.

– Passou... Graças a Deus!

Depois tomou um remédio. Ele já estava melhor, e isso nos trouxe um grande alívio. Pela janela do quarto era possível ver o kibutz. Uma sensação de paz reinava lá fora. Devia ser muito confortável morar aqui. Mas lembramos das exigências do kibutz: a vida era comunitária, por isso muitas pessoas não conseguiam se adaptar; preferiam ir embora. Mas as experiências dos kibutzim são interessantes, inclusive para nós cristãos. Recordam o ideal das primeiras comunidades (At 2,42-47; 4,32-35).

– Nunca vamos esquecer este dia. Nós realizamos coisas que pareciam impossíveis! – vibrava Caco. – Mesmo que fizemos o caminho ao nosso modo, diferente dos outros. Mas aí é que está o sentido da vida. Fazer o que ninguém fez.

– Conheço um pensamento que diz: “Arrisca teus passos por caminhos pelos quais ninguém passou... Arrisca tua cabeça pensando o que ninguém pensou!”¹⁵.

– Fazer o que todos fazem é o normal da vida. É preciso inovar, fazer o diferente. É isso que nos realiza como seres humanos. Quando somos capazes de dar um passo a mais; quando somos capazes de arriscar e buscar o novo, o diferente...

– Mesmo que seja difícil e sofrido! Mesmo errando o caminho...

– O que nos faz sofrer é o que nos faz viver! Quando somos capazes de arriscar, é que fazemos a diferença. Quando eu faço formação com os jovens, gosto de lançar desafios, mostrar que é possível ir além do que a sociedade oferece. Por isso é preciso ter sonhos, utopias, metas, esperanças. Gosto de um provérbio magrebino, que é dessa região e que diz: “Nenhuma caravana jamais alcançou a utopia, mas é a utopia que faz andar as caravanas!”.

– A utopia de chegar a Naim nos faz caminhar... Jesus tinha utopias?

– A grande utopia de Jesus era o Reino de Deus. Jesus fazia tudo em função do Reino que era do Pai. É difícil definir o que é Reino para Jesus, porque Ele sempre usava parábolas e comparações para defini-lo: “O Reino de Deus é como...” (Mt 13,24.33.44.45.47; etc.). Mas Jesus também diz que, quando fazia sinais em favor da vida das pessoas, o Reino já se fazia presente (Mt 12,28; Lc 11,20). Para Jesus, o

¹⁵ Frase escrita nos muros do Teatro Odeon na França em 1968.

início do Reino é este mundo novo, renovado, cheio de vida, de paz, harmonia, fraternidade, sem fome, sem misérias, sem injustiças, guerras, violências, exclusões... E no Evangelho de João pode ser definido na frase “para que todos tenham vida e vida em abundância” (Jo 10,10).

Um vento suave soprava na noite serena e silenciosa... Decidimos que era hora de dormir. Recordamos que o trajeto que ainda faltava percorrer era menor. Calculamos em torno de quinze quilômetros. Tudo seria bem mais fácil no dia seguinte. Então dormimos...

A aurora de um novo dia foi anunciada com o cantar dos passarinhos. Era uma sinfonia de diversas melodias. Mas também era possível ouvir um cântico no kibutz que falava da paz: “*Shalom, Shalom aleichem...*”.

– Bom dia, Caco! Dormiu bem?

– Muito bem e você?

– Dormi bem e até consegui sonhar... E olhe que não costumo recordar dos meus sonhos. Mas tive um belo sonho...

– Sonhou com o quê?

– Com a nossa caminhada. Lembra que nos perdemos no caminho e depois tivemos que voltar?

– Sim... Imagino que no sonho sempre acertamos o caminho...

– Não. Ao contrário. Sonhei que, quando mais estávamos perdidos, mais seguíamos adiante. E a cada passo que era dado, sempre mais difícil era voltar atrás. E cada vez o caminho parecia se tornar mais difícil. E era preciso prosseguir. E então entramos num túnel, onde se sentia um silêncio estranho e que só nos conduzia para frente, agora era

impossível voltar. E então nos perguntamos: para onde levará esse caminho?

– Ontem nós voltamos e conseguimos encontrar o caminho, a estrada certa...

– Sim, mas no meu sonho isso não era mais possível. E então continuamos. E depois de uma longa caminhada, chegamos a um lugar, exaustos, com fome e sede. Não era uma cidade como as nossas. Era um país diferente. Era um mundo novo. Havia pessoas, mas tudo era estranho... Pedimos à primeira pessoa que se aproximou de nós:

– Queremos água para beber. Vocês têm água para vender?

– Água para vender? Isso não existe aqui. Nós temos água para dar, para saciar a sede de vocês e dos caminhan-tes que aqui chegam. Também não temos alimentos para vender, mas os visitantes que aqui chegam de longe são bem tratados, mas não temos alimentos para vender.

E então no mundo novo recebemos água de graça e alimento sem ter que pagar e vimos que as pessoas eram muito felizes, bem mais felizes do que nós. E perguntamos que lugar era esse onde as pessoas podiam ser assim alegres e felizes.

E então veio uma mulher que era a líder da comunidade e nos explicou sobre o mundo novo onde havíamos entrado sem querer:

– Nossos antepassados construíram um novo mundo, e é este onde vivemos hoje. Um mundo onde as pessoas são felizes, porque as pessoas são reconhecidas pelo que elas são e não por aquilo que possuem. Todas as crianças são educadas para viver desse jeito, devem crescer guardando os princípios fundamentais da liberdade, do respeito aos

outros e de preservar a vida em todos os sentidos. Aqui tudo é de todos, e por isso todos precisam cuidar daquilo que é comum. Não há dinheiro, e se não há dinheiro, não é necessário ter bancos... Não há propagandas para induzir as pessoas a adquirir aquilo de que não necessitam, nem o supérfluo e nem para fazer acreditar que uma pessoa vale por aquilo que possui.

– E não há guerras e violências por aqui? – perguntei.

– Como poderia haver guerras se não há armas? – respondeu a mulher. As armas são proibidas em todos os sentidos. E se alguém por acaso ofender ou agredir um irmão por um motivo qualquer, ambos são chamados a buscar a reconciliação e uma reeducação sobre o valor do perdão e da boa convivência. Quando chega um estranho, esse nunca é visto como um inimigo, mas como alguém que traz alguma coisa de bom, que nos pode ajudar. Um estranho não é nunca um inimigo, mas alguém de quem podemos aprender.

– E vocês trabalham aqui?

– Sim, pois é com o trabalho que ganhamos o pão de cada dia. Todos trabalham e sabem fazer alguma coisa e todos contribuem na comunidade. Mas ninguém é mais importante ou maior do que outro só porque faz esse ou aquele trabalho. Todos são iguais.

– Nós percebemos que vocês aqui são muito felizes. Como conseguem isso?

– Porque cantamos muito, porque fazemos festa, porque sabemos tornar a vida bela e prazerosa. Mas também porque aprendemos a viver a solidariedade e a compaixão. Se alguém sofre, essa dor é de todos, e todos procuram aju-

dar até superar o problema. Mas também sabemos que somos parte de um todo, que temos relações que não podem ser rompidas. Cultivamos as boas relações entre nós, com a natureza, com nosso Deus. Quando rezamos, reconhecemos que somos criaturas, que fazemos parte de um todo, que não é nosso, mas do Deus Criador... E porque entendemos que cada pessoa se realiza na sua vocação. Cada pessoa desde criança vai descobrindo qual é sua missão neste mundo, o que veio fazer aqui. E cada um de nós quer partir daqui sabendo que deixou o mundo melhor...

– Vamos tomar café, frei! – disse o Caco, olhando para o relógio.

– Sim, vamos.

– Seria este o mundo do kibutz, das primeiras comunidades cristãs?

– Talvez... O fato é que precisamos construir um mundo novo e diferente. E Jesus já havia anunciado isto: um mundo sem fome, sem guerras, sem injustiças, sem bancos de dinheiro... Um mundo onde as pessoas vivam em comunidade como irmãos, onde haja partilha, respeito e cuidado com a natureza. O Reino de Deus deve começar aqui e já, ensinou Jesus.

II - Do kibutz Lavi até Naim: segundo dia

Depois do café, fomos até a portaria e procuramos ajuda para ver o caminho a ser percorrido. No kibutz nos forneceram alguns mapas, mas ninguém sabia onde ficava Naim. Então eles nos mostraram o caminho para o Tabor, para Nazaré...

– Estão no caminho errado... – disse o porteiro do hotel.

Foi mais um que nos disse que estávamos na contramão, pois o caminho de Jesus era outro. Ele saiu de Nazaré e foi para Cafarnaum. Mas novamente encontramos a grande dificuldade de informar que o nosso objetivo não era esse. Nós estávamos querendo percorrer o caminho que Jesus fez ao sair de Cafarnaum e ir para Naim, segundo Lc 7,11.

Um senhor do kibutz que ouviu nossa conversa veio em nosso socorro. Parecia ser um bom conhecedor da região. Tomando o mapa nas mãos, ele logo nos disse de onde deveríamos partir e por onde deveríamos ir. E nos indicou que a direção era seguir sempre margeando a Rodovia 65.

– Vai até o Tabor, segue para o sul e passa por Naim...

E foi assim que começamos o trajeto do segundo dia, passando pelo parque florestal do kibutz Lavi. Os sinais da trilha estavam bem indicados com as cores laranja e preta. O sol brilhava, o dia estava bonito e a caminhada pelo bosque era mais fácil pela estrada de chão batido. Eu continuei

recolhendo mais algumas pedrinhas, como havia feito no dia anterior; eram as marcas da nossa caminhada.

Os passarinhos cantavam entre as árvores; um pouco mais adiante havia um rebanho de gado. E assim caminhamos à sombra das árvores pelo meio do bosque. Sentia-se uma sensação agradável no ar. Caco então louvava a Deus pela beleza e bondade da natureza:

– Por que será que na caminhada vemos e sentimos a presença de Deus em todos os momentos? Vemos tantos sinais de Deus... E no dia a dia de nossas vidas não conseguimos perceber isso?

– Por que será? – perguntei.

– É porque estamos demais absorvidos pelo mundo, pelos problemas da vida. Deus está presente em todos os momentos. Ele se manifesta de tantas e tão variadas formas, e nós não percebemos. Agora que estamos aqui caminhando e desligados em nosso “mundo” percebemos que Deus está por tudo; é fácil senti-lo, reconhecer sua presença...

– O mundo é agitado demais e não deixa espaço para Deus. Mas Ele está ali. Ele caminha conosco, caminha com seu povo na pressa do dia a dia, mesmo que a maioria das pessoas nem se dê conta disso.

E assim fomos seguindo nessa manhã serena e calma. Víamos muitos objetos à beira do caminho, e era uma pena perceber que não se via um único coletor de lixo e por isso a cada pouco se viam sacos plásticos, vasilhames ou embalagens à beira do caminho. A cada curva ou saída havia sempre uma indicação; isso nos dava uma segurança muito grande.

Não ouvíamos mais o barulho dos aviões de Israel. Deve ter sido uma operação pontual. A Síria, envolvida no conflito com grupos internos, com certeza não iria revidar.

Esta era a Terra Santa. Um lugar tão privilegiado e escolhido por Deus para se revelar e fazer história com seu povo. Mas, ao mesmo tempo, um lugar de tantos conflitos e de tantas guerras. Atualmente continua o conflito entre Israel e os palestinos. Na maioria dos lugares onde passamos, durante a semana que peregrinamos, quase não percebemos os sinais dessa divisão. Em alguns lugares, foi possível ver o muro que separa judeus e palestinos, como na passagem de Jerusalém para Belém. Em outros lugares que passamos, também se podia ver o muro... Já em outras cidades, é possível perceber a convivência pacífica e harmoniosa entre populações árabes e palestinas com o povo judeu. No entanto, o lugar mais tenso é a Faixa de Gaza, que está localizada longe daqui e que hoje concentra o maior número de refugiados do mundo, e também não passamos perto. É lá que estão muitos dos palestinos que foram expulsos de suas terras. Também na região da Cisjordânia, onde Israel constrói hoje assentamentos em territórios reivindicados pelos palestinos, os conflitos são mais tensos. Talvez o grande erro tenha sido da ONU, que não criou os dois estados. Os palestinos sonham hoje com um Estado da Palestina... Enfim, esse conflito continua e não deverá ser resolvido tão logo. É uma longa história que tem origens há mais de três mil anos. Infelizmente, na “terra que corre leite e mel” (Ex 3,8), o sangue derramado corre pela terra. Que haja paz e boa convivência entre esses povos que tanto contribuíram para a his-

tória da Bíblia e da humanidade. É o que nós podemos e devemos pedir.

Depois de quase uma hora de caminhada sob as sombras das árvores, chegamos à Rodovia 65. Havia uma bifurcação, e aí não víamos mais nenhum sinal da trilha e não encontramos ninguém a quem pudéssemos perguntar. Não havia caminho para ir em frente. À direita, não nos parecia lógico. Então partimos para a esquerda, mas não víamos nenhum sinal da trilha, nem de pessoas. Finalmente, notamos a presença de um homem que estava fazendo a sua caminhada atlética. Perguntamos. Entregamos a ele o mapa, e depois de ter localizado os lugares nos disse:

– É para lá! – E nos indicou o caminho na direção de onde viemos. Explicamos que nosso destino era Naim, mas ele não entendeu e nem sabia onde ficava esse local.

– Tabor! – informamos a ele.

Então ele entendeu. E nos deu as indicações. Devíamos seguir em frente. Parecia que era tudo lógico e bem fácil. Agradecemos a ajuda, e ele foi adiante de nós em sua caminhada matinal. Logo chegamos onde havia outra bifurcação. Se seguíssemos à esquerda, continuaríamos pelo meio do bosque. Se fôssemos à direita, daríamos de cara com a Rodovia 65. Não havia nenhuma outra indicação. Preferimos seguir o caminho pela esquerda e assim subimos um pequeno monte. O sol começa a esquentar. Tivemos que parar para beber água.

Depois de termos andado cerca de um quilômetro, nos damos conta de que o caminho não iria nos levar ao nosso destino. Ele conduzia para o interior da mata do parque, e não havia nenhuma indicação de trilhas. Era melhor voltar até a

bifurcação e aí tomar a direita. Então começamos a descer. E a caminhada dessa manhã, que havia começado tão bem, parecia que cada vez se transformava num problema a mais.

Fomos descendo a passos mais largos. Caco seguia à minha frente, andando mais à esquerda, com seu cajado na mão. A estradinha estava asfaltada. Foi então que senti um barulho de algo que se mexia ao lado direito por entre as folhagens. Olhei bem e vi uma cobra enorme. Tinha mais de um metro de comprimento; ela se mexia lentamente. Levei um susto, mas procurei manter-me calmo; e como o Caco já havia passado por ela, não disse nada, somente apressei o passo e fiquei olhando para trás para ver se ela não nos seguia. Felizmente, ela seguiu seu caminho e nós o nosso.

E então chegamos até a Rodovia 65, onde havia muitas máquinas e operários trabalhando, pois estavam fazendo a duplicação. Caco foi até o local onde estavam os operários. O primeiro que apareceu só falava árabe. Então veio outro, que também pouco sabia, mas finalmente chamou por alguém que falava o inglês. Esse senhor nos mandou seguir pela beira da Rodovia 65.

Logo encontramos uma pedra jogada com a indicação do caminho. Com a reforma da rodovia, devem ter mexido nas marcas. E seguimos pela beira da Rodovia 65. Eu ainda tremia só de pensar na cobra e, de vez em quando, olhava para ver se por um acaso ela não estava nos seguindo.

Devido às obras, era difícil caminhar. Passamos para o outro lado da Rodovia e continuamos em direção ao Tabor. Cerca de um quilômetro adiante, havia uma pequena estradinha à direita. Eu estava andando bem à frente do Caco. Um senhor passava por aí. Perguntei no meu pobre

inglês, e ele procurou me ajudar. Entendi pelas suas palavras e pelos gestos:

– Para lá, Nazaré! Para cá, kibutz Lavi, Cafarnaum... – E prosseguiu o seu caminho, pois me pareceu que estava com pressa.

Esperei até o Caco chegar, mostrei a marca. Pelo menos sabíamos que não era por ali que deveríamos seguir. Uma placa nos indicava que a cidade de *Ilaniyah* estava próxima, portanto deveríamos seguir naquela direção. O sol estava ainda mais quente. E prosseguimos agora sem a trilha, por fora da Rodovia. Um caminho difícil. À sombra de uma árvore nos sentamos. Era difícil andar por onde não havia caminho. E enquanto bebemos mais um pouco de água, refletimos sobre nossa caminhada. Uma figura bíblica veio em nossa mente. Os dois discípulos de Emaús, que também caminhavam cabisbaixos, tristes e quase sem rumo. Na sua confusão não reconheceram que, com eles, havia alguém que também caminhava. Foi a presença de Jesus, a leitura da Palavra de Deus que aqueceu seu coração... E aqui estávamos também nós meio perdidos e sem rumo. Lembramos que Jesus mesmo disse: “Eu sou o Caminho!” (Jo 14,6) e que os primeiros cristãos se diziam seguidores do Caminho (At 9,2; 18,25-26; 19,9.23). Isso nos deu coragem, e prosseguimos rumo ao nosso objetivo...

Caco recordou uma frase dita por um professor na formatura de um curso na PUCPR: “Caminhante, quando não há caminho, é preciso fazer caminho”.

Lembramos que a frase foi tirada do poema do poeta espanhol Antonio Machado e que tem muito a nos ensinar ainda hoje:

“Caminante, son tus huellas
el camino y nada más;
Caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.
Al andar se hace el camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar.
Caminante no hay camino
sino estelas en la mar”.

Sim, quando não há caminho, é preciso buscar caminhos, é preciso fazer caminho, não perder o rumo, a direção. Recordei um bom livro que li de autoria de um grande rabino, chamado Martin Buber (1878-1965). Um dos capítulos era sobre a *Cavvanà*¹⁶, essa palavra hebraica importante e que indica sempre o rumo, a meta a ser buscada e alcançada... Para o povo de Deus, a *Cavvanà* é a busca da Redenção deste mundo novo redimido por Deus. Nossa *Cavvanà* nesses dias era Naim. Nós queríamos ir até onde Jesus e sua comitiva foram naquele dia... Mesmo quando nos perdemos, quando erramos o caminho, quando buscamos até encontrar novamente o rumo, havia um sentido em tudo: “Também as viagens têm todas uma secreta destinação que o viajante não sabe”¹⁷. Sim, foi também quando nos perdemos que vimos paisagens diferentes, que sentimos nossa fraqueza, que precisávamos da ajuda. Nada é em vão...

¹⁶ BUBER, M. *La leggenda del Baalscem*, p. 29-35.

¹⁷ *Ibidem*, p. 31.

Foi então que do outro lado da rodovia o Caco avistou uma lanchonete árabe. Ele pediu para que eu aguardasse enquanto ele ia até lá para pedir informações. Novamente a mesma situação. O homem que lá trabalhava não falava uma só palavra em qualquer idioma que não fosse o árabe. Com gestos tentou saber se ele conhecia e onde ficava Naim. Nada... Seguimos em frente, sempre margeando a Rodovia 65.

Pouco depois, Miguel telefonou e, percebendo que estávamos com dificuldade, veio nos encontrar, enquanto prosseguíamos caminhando à beira da Rodovia.

A primeira coisa que Miguel nos perguntava sempre era se estávamos bebendo água em quantidade suficiente. Então ele nos quis levar até um cemitério que ficava ali perto. Nesse local havia sido travada uma importante batalha na guerra pela independência de Israel em 1948 contra os ingleses.

Lavamos nossas mãos e colocamos os chapéus na cabeça, segundo o costume judaico, para entrar nos cemitérios. Vimos algumas inscrições nos túmulos. Havia alguns túmulos de crianças e outros de pessoas de mais idade. Um deles me chamou a atenção:

– *Abraham ben Isaac!* (Abraão filho de Isaac). Devia ser o contrário: *Isaac ben Abraham...* – falei.

Depois havia um altar e vários túmulos de jovens. Esses foram mortos em combate. Vi como Miguel sentia uma reverência profunda para com eles. Colocamos algumas pedrinhas* sobre os seus túmulos.

Então nos sentamos à sombra das árvores que ficavam do lado de fora do cemitério. A sensação era muito boa. Por isso não demorou muito para que Miguel nos dissesse:

– Aqui tem uma Ruah muito boa!

Caco logo identificou que eram pés de carvalho, devido às sementes graúdas que havia pelo chão. Essas sementes podem servir de alimento para os animais. E o Miguel nos contou a história de um rabino que foi perseguido e se refugiou numa caverna e alimentou-se durante doze anos com sementes de carvalho.

E foi ali que perguntei ao Miguel:

– Como os judeus vivem hoje a expectativa da vinda do Messias?

Miguel não respondeu logo. Olhou para as montanhas, para o cemitério, para a vila que estava situada abaixo de onde estávamos e ficou pensando... Depois de ter acompanhado três grupos de peregrinos comigo e de duas visitas ao Brasil, onde ficou hospedado em nosso convento, Miguel havia se tornado um grande amigo. Tínhamos essa liberdade de conversar sobre as nossas religiões, respeitando as diferenças. Particularmente, eu gostava de como ele conhecia e tinha um respeito grande pelo cristianismo. E eu podia sentir o mesmo da parte dele, quando ele via o quanto eu admirava o judaísmo.

– A expectativa é grande, mas é bastante diferente entre os vários grupos de judeus. Mas a esperança continua. Esperamos pela vinda do Messias. Esperamos pelo dia em que o mundo será redimido. Dizem que a ovelha vermelha* já está viva num kibutz... Para nós, a era messiânica começará com a mudança do mundo, o fim das violências, das guerras, das injustiças, do mal... Será um tempo novo, bonito!

– Para nós, Jesus de Nazaré foi o Messias e nos trouxe tudo isso – disse Caco.

– Sim, vocês cristãos vivem ou deveriam viver da certeza de que o Messias veio. Nós judeus vivemos na expectativa de que ele virá. O que é mais bonito: viver da realização ou da espera?

– Boa pergunta! – respondi.

Depois do breve descanso, retomamos a caminhada, pois teríamos que caminhar antes que o sol se fizesse quente demais. Prosseguimos por um caminho que beirava o cemitério. Voltamos a conversar sobre o tema do Messias, agora sem a presença do Miguel.

– O Messias já veio e talvez tenha passado por aqui. Pode ser que tenha pisado no lugar onde estão pisando hoje os nossos pés – dizia Caco.

– Às vezes, tenho uma angústia dentro de mim quando penso nisso – respondi.

– Por quê?

– Porque nós acreditamos e proclamamos que Jesus de Nazaré foi o Messias e não vivemos a era messiânica. Muitas vezes, nosso cristianismo é frio, feito de regras e ritos, sem vida... É como se Jesus precisasse voltar novamente e nos dizer que estamos errando o caminho.

– Um cristianismo sem alegria e sem amor não é testemunho da vinda do Messias – disse Caco.

E em silêncio prosseguimos caminhando em direção a Naim. Um pouco adiante, deparamo-nos com campos muito verdes de diferentes plantações muito bem cultivadas, onde se encontravam quatro rapazes que cuidavam daquela área. Fomos conversar com eles e logo nos explicaram que eram agrônomos trabalhando numa grande pesquisa. Ali havia plantações de grão de bico, canola e orégano de

diferentes variedades. Foram muito atenciosos e até nos orientaram dizendo que aquela não era uma trilha oficial, mas um carreador usado pelos agricultores, não para peregrinos, e que próximo dali o carreador terminava na Rodovia 65.

Fomos em frente. Era uma pequena subida, e então nos deparamos com duas paisagens que chamaram a nossa atenção. Ao longe, surgia belo e majestoso o Monte Tabor. Mas, olhando à nossa direita, era possível ver a cidade de Nazaré. E, mesmo que não podíamos ver, sabíamos que um pouco abaixo de Nazaré estava outro local importante na vida de Jesus: Caná* da Galileia, onde, segundo o Evangelho de João, Jesus transformou água em vinho numa festa de casamento e assim realizou o primeiro sinal (Jo 2,1-11). Mais uma vez, recordamos Jesus. Esses lugares eram tão caros para ele.

- Nazaré, lugar da família, o berço da vida de Jesus!
- Caná, lugar da festa, da alegria, da vida comunitária!
- Tabor, lugar da glória e do encontro com o Pai!
- Naim, lugar da compaixão, da misericórdia e da solidariedade!

Esses quatro lugares mencionados nos Evangelhos e que se encontram próximos foram locais que marcaram a vida de Jesus, sua história, seu projeto.

Nazaré hoje é uma cidade grande, com cerca de cem mil habitantes. Porém, na época de Jesus, era um pequeno vilarejo; talvez tivesse em torno de cento e cinquenta pessoas¹⁸. A palavra Nazaré em hebraico significa “broto ou

¹⁸ KARRIS, R. J. *O Evangelho segundo Lucas*, p. 227.

ramo novo”. Foi nessa pequena vila que o Anjo Gabriel apareceu a uma jovem chamada Maria e anunciou que ela seria a mãe do Messias.

O evangelista Lucas narra, logo no início do seu Evangelho, o anúncio de dois nascimentos. Lucas gosta de ilustrar. Os dois anúncios são iguais e diferentes. O mesmo Anjo anuncia. Vai nascer um menino. O Anjo diz o nome, revela a missão. Em ambos aparecem a alegria, a expectativa; em ambos, a expressão “não tenha medo!”...

Mas também existem os contrastes: o primeiro anúncio é ao pai (Zacarias), o segundo é à mãe (Maria); o primeiro é em Jerusalém, a grande cidade, o segundo é em Nazaré, a pequena vila, o broto novo; o primeiro é no grande Templo, o segundo é na pequena casa; o primeiro será uma concepção normal, o segundo será anormal...

Dois anúncios. Dois meninos vão nascer. Duas mães vão dar à luz. Um é o precursor, o outro será o Messias. Em *Ein Karem**, uma vila vizinha a Jerusalém, três dias antes nós havíamos visitado o lugar onde viviam Zacarias e Isabel. Lá está uma estátua fria e ao mesmo tempo rica em simbolismo. Duas mães se encontram; dois ventres se tocam; dois testamentos (Antigo e Novo) se encontram; duas realidades: humano e divino se unem. É a Aliança de Deus com os humanos. É a loucura de Deus que se fez um de nós. Só o Amor explica esse mistério de um Deus que se humilhou (*kênosis*, cf. Fl 2,7) para vir ao encontro da sua criação...

Hoje Nazaré cresceu, é uma cidade grande. Uma parte da população é judaica, e a outra é árabe; em torno de 27% são cristãos... Ficamos imaginando o que Jesus, ao pas-

sar em direção a Naim, deve ter sentido ao ver sua pequena vila. Quais as recordações que Jesus teria lembrado? Que saudade terá sentido ao ver o lugar onde viveu sua infância e sua juventude? Em Nazaré, Ele cresceu, deu os primeiros passos, brincou com seus amiguinhos; com José deve ter aprendido as primeiras lições da Torá...

– Em Nazaré, Jesus passou a maior parte da sua vida – lembrou Caco.

– Gosto de uma frase do Pe. Peter-Hans Kolvenbah, que foi superior dos Jesuítas, quando afirmou: “Não oculteis a vida oculta do Cristo”¹⁹. De fato, não podemos esquecer os trinta anos que Jesus viveu em Nazaré. Ali Jesus cresceu, viveu a maior parte da sua vida. Nazaré foi a escola de Jesus, vivida no silêncio, na vida em casa e no trabalho, na comunidade com o seu povo...

E foi também em Nazaré, na sinagoga, segundo o Evangelho de Lucas, que Jesus iniciou a sua vida pública, onde proclamou seu discurso inaugural. Naquele sábado, ele pediu o Livro do Profeta Isaías e encontrou a passagem que queria. Então leu aos seus ouvintes o texto de Is 61,1-2:

“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou pela unção para evangelizar os pobres, enviou-me para proclamar a libertação dos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano da graça do Senhor”. Enrolou o livro, entregou-o ao servente e sentou-se. Todos na sinagoga olhavam-no atentos. Então começou a dizer-lhes: “Hoje

¹⁹ KOLVENBAH, P. H. *Decir... al “indecible”*, p. 77-89.

se cumpriu aos vossos ouvidos esta passagem da Escritura” (Lc 4,18-21).

Nas palavras do Livro de Isaías, Jesus encontrou a base para o seu projeto de ação. A partir daí Ele começou a anunciar a Boa Notícia do Reino de Deus, realizando sinais, acolhendo o povo, indo ao encontro das pessoas excluídas e necessitadas, chamando discípulos, formando comunidades... Foi esse projeto que encantou as multidões, mas esse tipo de prática, mais tarde, foi também a causa da sua morte. Jesus incomodou os acomodados. Mexeu com as causas da opressão sobre o povo.

Passando por aqui, acompanhado pelos discípulos e pela grande multidão, Jesus deve ter olhado para a vila de Nazaré e recordado seu discurso inaugural. Era por causa daquele projeto que Ele caminhava. E, seguindo adiante, prosseguia em direção à Naim...

Diante de nós estava o Tabor, o Monte da Transfiguração (Mt 17,1-9; Mc 9,2-10; Lc 9,28-36)²⁰. É um monte que fascina, porque é único, porque é belo, porque é diferente de todos os outros montes. Hoje, para chegar ao alto do Tabor, é preciso tomar os táxis e subir pela estrada cheia de curvas. Na época, Jesus subiu a pé. Com Ele foram os três discípulos preferidos e que estavam com Jesus nos momentos mais importantes: Pedro, Tiago e João. Jesus subiu ao

²⁰ Os textos dos três evangelistas dizem que Jesus foi a “um alto monte”, mas não informam o nome do mesmo, porém, desde os primeiros séculos do cristianismo, o Tabor é considerado o monte da Transfiguração e reverenciado como um lugar místico.

monte e lá se transfigurou; era uma antecipação da sua Ressurreição gloriosa. No monte apareceram Moisés e Elias, as duas figuras mais expressivas do Antigo Testamento. Moisés representava a Lei; Elias representava o profetismo. Jesus dialogava com eles. Isso nos quer ensinar que Jesus estava em sintonia com todo o Antigo Testamento... Jesus se transfigurou. Diante daquela cena Pedro exclamou:

– É bom estarmos aqui. Vamos construir três tendas.

Pedro não sabia o que estava dizendo. Tão grande era o mistério que o cercava. Somente depois da ressurreição de Jesus é que Pedro pôde compreender o significado de tudo o que aconteceu no Tabor.

E o Tabor estava diante de nós. À medida que íamos caminhando e nos aproximando da montanha, era possível sentir algo diferente. Uma sensação de bem-estar e segurança invadiu nossa alma, fazendo-nos sentir melhores. Aproximar-se do Tabor era o mesmo que refazer a experiência de Moisés quando estava diante da sarça ardente no Monte Sinai (Ex 3,1-6). A nossa experiência era como se estivéssemos nos aproximando de Deus. Uma sensação única, que nos atraía e ao mesmo tempo nos fazia tremer.

Mais uma vez, ficamos imaginando o que Jesus teria sentido ao ver o monte, mas ao mesmo tempo Ele sabia que naquele dia não iria subir a seu topo. Seu objetivo era outro... Jesus tinha pressa. Naim estava um pouco depois da montanha...

Pedimos informações, mas não encontramos ninguém que nos pudesse ajudar. Finalmente apareceu um homem e disse que conhecia as trilhas para as caminhadas. Mas o destino era sempre o mesmo: do Tabor se vai a Nazaré ou

então para Cafarnaum. O trajeto que nós queríamos percorrer não estava sinalizado.

Decidimos então seguir pela Rodovia 65, que nessa altura possuía três pistas que iam e três que voltavam. Logo um carro parou, e um senhor nos advertiu de que não podíamos seguir assim. Era perigoso, e a polícia poderia nos prender... Pensamos no risco e ligamos para o Miguel. Pouco depois, ele veio e nos encontrou novamente. Analisamos a situação e chegamos à conclusão de que essa parte do trajeto não oferecia as condições para ser percorrida a pé. E assim Miguel nos conduziu de carro e nos deixou no entroncamento da Rodovia 65 com a entrada para Naim.

III - Naim: a chegada

Descemos do carro, e uma placa escrita em hebraico, árabe e inglês indicava a entrada de Neim – é assim que se chama hoje o lugar. Consegui ler o nome em hebraico ניינ, mas não foi possível ler a inscrição em árabe. E logo abaixo havia outra placa, também escrita nas três línguas e que muito me chamou a atenção: בן האלמנה (*ben ha'almanah*), “o filho da viúva”, e em inglês: “widow’s son”. A cidadezinha havia sido registrada com a lembrança do milagre de Jesus; e a história guardou o fato dando acento e destaque, em primeiro lugar, para o filho e depois para a mãe viúva.

Nossos olhos então se voltaram para a vila situada ao pé de um pequeno monte. Foi para esse lugar que Jesus se dirigiu. Ali estava Naim ou Neim, e então começamos a caminhar. Uma grande emoção tomou conta de nós. A distância da Rodovia a Neim é em torno de 500 metros. Nossos corações batiam fortes. O sonho estava se tornando realidade; embora parecia às vezes que a realidade era um sonho. Não, não estávamos sonhando. Havíamos chegado a Naim. E então começamos a imaginar como teria sido o ingresso de Jesus e a sua comitiva. Lucas registra assim esse momento:

Ao se aproximar da porta da cidade, coincidiu que levavam a enterrar um morto, filho único da mãe dele e ela era viúva; e uma multidão suficiente da cidade estava com ela (Lc 7,12).

Esse foi o momento do encontro. Jesus, o Autor da Vida (At 3,14), e sua comitiva encontraram-se com a morte. Ali eles se depararam com um jovem que estava sendo levado para ser enterrado. Os mortos eram enterrados fora da cidade no final da tarde.

Lucas não informa por que a mulher havia se tornado viúva ou qual teria sido a causa da morte do marido. Também não diz nada sobre a morte desse filho único. De que teria morrido? De uma doença fulminante? Teria sido vítima da violência romana? Uma multidão “suficiente”²¹ da cidade estava acompanhando esse cortejo fúnebre. Na porta da cidade, houve o encontro das duas comitivas. O olhar de Jesus não se dirigiu ao esquife que os carregadores conduziam, nem à multidão. Mas à pessoa que mais estava sofrendo: a mãe viúva.

Ao vê-la, o Senhor foi movido de compaixão para ela. E disse a ela: “Não chores!” (Lc 7,13).

Lucas dá o título de “Senhor” a Jesus; em grego é *Kyrios*²², e é assim que a Septuaginta* traduziu o Nome de Deus no

²¹ Lucas distingue essa multidão que acompanha a mulher daquela “grande” (πολύς = *polús*) multidão que acompanhava Jesus. Para a multidão de Naim, Lucas emprega o adjetivo *ικανός* = *ikanós*, cuja tradução é suficiente, digna, necessária... É o mesmo adjetivo que Lucas emprega em 22,38 quando os discípulos disseram a Jesus: “Senhor, eis aqui duas espadas”. Ele respondeu: “É suficiente!” (*ikanós*).

²² Lucas é o evangelista que desde o início dá o título de *Kyrios* a Jesus (Lc 1,43; 2,11, etc.), enquanto Mateus e Marcos dão esse título a Jesus somente uma vez por ocasião da sua entrada messiânica em Jerusalém (Mt 21,3; Mc 11,3). No Evangelho e nos Atos dos Apóstolos, o título aparece cerca de 200 vezes.

Antigo Testamento. Jesus é o Senhor! O divino e o humano encontram-se em Jesus. Ao mesmo tempo no gesto que Jesus vai realizar teremos o mais belo de Deus e o mais nobre do humano. A compaixão demonstra a sensibilidade divina ao vir ao encontro do ser humano no seu momento de dor e sofrimento e estreitar a sua solidariedade. Jesus mostra então seu lado humano, manifestando seus sentimentos e ao mesmo tempo seu lado divino capaz de realizar os sinais em favor da vida, como Deus havia realizado no passado. Tão humano assim só podia ser divino. Tão divino assim só podia ser humano. E Jesus, o Senhor da vida, veio ao encontro da morte para vencê-la, para restituir vida, para transformar a dor em júbilo...

Jesus viu a mãe. Ele deve ter visto toda a cena, mas seu olhar foi dirigido à mãe viúva; foi um olhar diferente. Um olhar como a ação de Deus quando viu e ouviu o grito e o clamor do povo oprimido pelo faraó do Egito: “Eu vi, vi muito bem” (Ex 3,7). Jesus viu além das aparências. Não viu somente uma mãe viúva; viu e sentiu seus sentimentos, sua dor, sua esperança, que acabava naquele dia, pois ela perdia tudo o que ainda possuía. Perdia o fruto das suas entranhas, o filho que havia gerado e criado com amor... E então as entranhas de misericórdia de Jesus se contraíram. Ele foi movido de compaixão. E foi para a mãe que Ele dirigiu suas palavras, usando o verbo no imperativo: “Não chores!”. No grego, essa expressão tem a força de poder dizer: “Não chores mais e nunca mais terás motivo para chorar, pois a causa do choro será removida”. E então Jesus começou a agir:

Depois, aproximando-se tocou o esquife, e os carregadores pararam. Disse ele, então: “Jovem, eu te ordeno, levanta-te!” E o morto sentou-se e começou a falar. E Jesus o entregou à mãe dele (Lc 7,14-15).

Foram três os momentos de Jesus. Primeiro Jesus viu a mãe viúva. Depois Ele dirigiu a palavra para consolá-la. E em terceiro lugar, através de uma série de ações, agiu para solucionar o problema. Jesus aproximou-se e tocou a padilola. Jesus não se preocupou com as leis da pureza da época (Lv 21,1-4; 22,4; Nm 6,9; 19,11-16; 31,19; Ag 2,13; cf. Ez 43,7)²³. Tocar em mortos era tornar-se impuro. E o agir de Jesus continuou. Ele então dirigiu a palavra ao jovem. Com a sua palavra Jesus realizou o milagre. A palavra de Jesus é palavra eficaz. Ela realiza o que diz. “Levanta-te!” Mais uma vez, o verbo é usado no imperativo... E o jovem levantou-se, sentou-se e começou a falar. Com a sua palavra Jesus devolveu a voz e a palavra ao jovem que estava morto. Que palavras o jovem teria pronunciado? Lucas não informa. Teria agradecido a Jesus? Teria louvado a Deus? Teria se dirigido à mãe? Não sabemos. O fato é que aquele que a morte havia calado tornou a falar. E a morte deu lugar à vida.

Lucas ainda nos registra outro dado importante. Jesus entregou o filho à sua mãe. Devolveu-o cheio de vida. O mesmo gesto narrado com as mesmas palavras de 1Rs 17,23. Oito séculos antes, o profeta Elias também havia feito um

²³ VAUX, R. *Instituições de Israel*, p. 80. No entanto, parece que os familiares podiam beijar o cadáver (Gn 50,1); também os parentes mais próximos: mãe, pai, filho, filha, irmão (cf. Lv 21,2).

milagre semelhante, reanimando um filho de uma viúva e que havia morrido. Elias realizou o milagre invocando o Senhor. Jesus, por sua vez, realizou o milagre com a sua palavra, indicando que agia como Deus agiu no Antigo Testamento. Jesus entregou o filho à mãe dele. Com isso a narrativa se desloca para as multidões, que até aquele momento haviam permanecido em silêncio.

Caco e eu estávamos ali diante da pequena igreja que estava sendo reformada. Era meio-dia, o sol forte nos trazia energia e vigor.

– Frei, foi aqui! Nós estamos aqui onde Jesus realizou o milagre, onde ele restituiu a vida ao jovem morto e onde ele mostrou compaixão com a mãe viúva! – disse o Caco enquanto nos abraçamos e choramos juntos.

– Ele era o Messias! – falei. Começou a redimir o mundo, trazendo uma mensagem da parte de Deus às pessoas oprimidas. Ele acolheu e foi ao encontro dos doentes, dos pobres, das pessoas necessitadas. Ele foi coerente com o seu discurso inaugural na sinagoga de Nazaré (Lc 4,16-21). A redenção começou, e nós precisamos ser testemunhas disso. Ele é o Redentor, mas é preciso que a Igreja e todos os seus seguidores e seguidoras continuem fazendo o que Ele ensinou...

– Amai-vos como eu vos amei! (Jo 15,12)

– Lavai os pés uns aos outros... (Jo 13,15)

– Nisso reconhecerão que sois meus discípulos... (Jo 13,35)

E assim fomos recordando várias passagens dos evangelhos das coisas que Jesus falou e fez... A obra de Jesus continua na Igreja, guiada pelo Espírito Santo. E aqui pen-

samos na Igreja de forma ecumênica, em suas várias manifestações e denominações. A história da Igreja é bela, mas também marcada pelos pecados, pelos desvios, pela busca do poder, em vez do serviço.

A Igreja é santa e pecadora! Quando os interesses humanos se sobressaem, ela se afasta dos ensinamentos de Jesus. Recordamos que era para isso que o Papa Francisco estava chamando a atenção dos fiéis nestes dias.

– Estou sentindo a mesma emoção que senti domingo retrasado em Roma quando estivemos na Praça São Pedro com o Papa – disse Caco.

Sim, a praça estava lotada. O Papa havia passado a poucos metros de onde estava o nosso grupo. Ali sentimos a alegria de uma Igreja viva e que caminha. Sentimos a emoção junto com a multidão que estava na praça e queria ver o Papa, receber um sorriso, uma bênção, uma mão estendida... Papa Francisco nos ensina que a Igreja precisa ir ao encontro do povo...

– *Andate controcorrente...* – foi isso que ele disse? – perguntou Caco.

– Sim, devemos andar na contramão... Há um livrinho muito bonito que tem justamente este título: “Com Jesus na contramão”²⁴. Foi isso que fizemos nesses dias. Caminhando na estrada de Jesus, um tanto perdidos, mas sempre em busca do nosso objetivo e acabamos chegando aqui. Caminhamos como Jesus e como a multidão que o seguiu.

²⁴ MESTERS, C. *Com Jesus na contramão*.

Todos encheram-se de temor e glorificavam a Deus, dizendo: “um grande Profeta levantou-se entre nós e Deus visitou o seu povo” (Lc 7,16).

Formou-se assim o novo povo de Deus. As duas multidões (aquela que veio com Jesus e aquela que acompanhava a mãe viúva) agora se uniram e transformaram-se em um único sujeito, formaram o “todos”, segundo Lucas. Antes eram massas humanas; elas não tinham voz. No texto, até esse momento, não haviam dito uma única palavra. Foi o gesto de Jesus que, com sua palavra, devolveu esperança à mãe viúva e devolveu a vida ao jovem morto e que deu também voz ao novo povo de Deus. Todos agora têm voz, enchem-se não do medo, mas do temor do Senhor. Esse respeito que todos devem ter diante das ações e da grandeza de Deus. E então glorificaram a Deus. Lucas não nos diz o que disseram e como fizeram, mas podemos imaginar a solene e exultante liturgia que deve ter-se manifestado em cantos de salmos e refrões que ecoaram de Naim em direção ao Tabor e por toda a redondeza.

O povo inteiro sentiu e louvou a Deus porque um grande Profeta levantou-se novamente no meio do povo. Fazia muito tempo que não surgia um profeta em Israel. E alguns achavam que a profecia em Israel estava morta ou silenciada. O Salmo 74 lamentava: *Já não vemos mais sinais, não existem mais profetas* (Sl 74,9). Era como se “os céus tivessem se fechado”. O povo esperava pela vinda de algum Profeta (1Mc 4,46; 9,27; 14,41). O último profeta reconhecido foi Malaquias há cerca de 300 anos. E o Antigo Testamento terminava justamente anunciando o retorno de Elias no advento do tempo messiânico (Ml 3,23-24).

Agora os céus se rasgaram novamente. A palavra de Jesus operou maravilhas; ela fez os mortos viverem; ela fez as viúvas terem novamente esperança. E com isso o povo de Deus cantava e glorificava a seu Deus.

A voz de Deus fez-se ouvir novamente, pois as maravilhas que Deus havia operado no passado voltaram a se repetir, e assim o povo entendeu que, com a presença e ação de Jesus, acontecia uma “visita” de Deus a seu povo. Visita boa e que fazia bem. Visita recebida e acolhida com carinho.

Na época de Jesus, a vila de Naim deveria ser pequena: em torno de cem famílias... E assim continuou durante a história. No local onde provavelmente ocorreu o encontro das duas multidões foi construída uma pequena igreja.

Só Lucas escreveu no seu Evangelho o fato acontecido em Naim. E durante centenas de anos, esse texto não era lido na liturgia e por isso ficou um tanto esquecido. A vila continuou ali na encosta da montanha. No século IV, Eusébio de Cesareia, afirmava que “a cidade de Naim, onde o Senhor ressuscitou o filho da viúva, se situa a cinco milhas do monte Tabor, junto a Endor”. Outro testemunho anônimo (provavelmente do século V-VI), recolhido por um monge beneditino chamado Pedro Diácono (século XII), informa: “Na casa da viúva, na qual o filho foi ressuscitado, agora existe uma igreja, e a sepultura na qual seria colocado existe até hoje”. Uma “bela” igreja existia ainda em Naim no século XIV (segundo frei Nicoló de Poggibonsi), mas a partir do século XVI não temos mais informações do local. Outra igreja, simples e modesta, foi construída em 1881 sobre os restos onde estava a antiga igreja e está sob os cuidados dos Freis Franciscanos, que mantêm a Custódia da Terra Santa.

Ela conserva duas valiosas pinturas do fim do século XIX²⁵. Atualmente, essa igreja está sendo reformada e logo será reinaugurada com melhores condições para acolhimento de peregrinos.

O vilarejo hoje em dia é totalmente muçulmano, inclusive há uma mesquita bem em frente à igreja. O cemitério antigo, onde o filho da viúva iria ser sepultado, devia situar-se na parte oeste do vilarejo, sobre os declives da montanha, onde hoje se podem ver diversas tumbas escavadas na rocha. Um sarcófago romano em pedra é conservado contra a parede da igreja.

Colocando-se bem em frente à igreja, era possível ter uma visão bonita, pois ao fundo (há uns sete quilômetros) estava o Monte Tabor. Ao lado da igreja há um terreno baldio, onde estão sendo realizadas escavações arqueológicas. Há vários pés de oliveiras e perto do muro um pé de uma figueira bem vigorosa, cheio de folhas verdes. Mas nesta época não é tempo de figos.

Algumas crianças muçulmanas vieram ao nosso encontro. Falavam árabe, e não conseguimos nos entender falando, mas nos abraçaram alegres. Tiramos fotos com elas. E entregamos os últimos bonés do Brasil e alguns caramelos que trazíamos. As crianças saíram muito contentes e vibrando com o boné amarelo na cabeça.

Então nos sentamos na escadaria da igreja e ali rezamos. Agradecemos a Deus porque o nosso sonho foi realizado com sucesso. Tudo havia dado certo, apesar dos pe-

²⁵ *Santuários: Naim*. In: <<http://pt.custodia.org/>>.

quenos problemas que encontramos. Lembramos de uma frase do Papa Francisco: *Aqueles que não caminham por medo de errar caem num erro maior.*

Então fizemos mais uma vez a leitura do texto do Evangelho de Lucas. Sempre imaginando a cena. Jesus esteve aqui e foi movido de compaixão ao ver a mãe viúva. Aqui ele realizou um milagre. Aqui esteve o povo de Deus que glorificou e louvou, porque as multidões entenderam que Deus havia visitado o seu povo. E imaginamos Jesus erguendo os olhos e olhando para o Monte Tabor ao longe...

Miguel veio nos buscar... A nossa missão estava realizada. Não éramos mais os mesmos. E de Naim só podíamos retornar mais animados, mais entusiasmados, glorificando e louvando a Deus, como a multidão do novo povo de Deus que esteve lá em Naim com Jesus.

IV - O retorno

E essa notícia difundiu-se pela Judeia inteira e por toda a redondeza (Lc 7,17).

Lucas não informa no seu Evangelho como foi o retorno de Jesus a Cafarnaum. O que Lucas fez questão de registrar foi que essa notícia (*logos** em grego) espalhou-se pelo mundo afora. Na época, não havia os modernos e velozes meios de comunicação que temos hoje. O que aconteceu em Naim foi uma boa notícia contada e transmitida pelas pessoas que presenciaram o que viram e ouviram. Deus visitou o seu povo, mostrando que Jesus veio a seu encontro na hora da dor. Jesus agiu como Deus agiu na história passada. Os antepassados haviam transmitido e ensinado que o Deus em que acreditavam era um Deus presente, sensível aos sofrimentos e clamores humanos. Jesus então mostrou-se como o Senhor da vida que vence a morte. Jesus agiu com a sua palavra, mostrando que a profecia não estava morta. Com a sua palavra Jesus restituiu a palavra ao jovem e também ao povo que agora podia cantar e glorificar a Deus!

Quase dois mil anos depois, nós também sentimos essa alegria. Estivemos ali onde Jesus esteve, vimos a pequena e bela igreja, as muralhas, os pés de árvores, as crianças alegres que nos receberam... Erguemos os olhos e ao longe contemplamos o Monte Tabor... Então sentimos a necessidade

de contar adiante o que experimentamos como este texto e esta caminhada marcaram nossas vidas.

Nem todos podem ir até a Terra Santa, caminhar até Naim. Esperamos que então tenham caminhado conosco.

Cinco semanas depois da nossa caminhada, o texto de Lc 7,11-17 era o Evangelho proclamado e celebrado liturgia da Igreja.

Na Praça São Pedro, em Roma, durante o momento do Ângelus que o Papa Francisco rezou com o povo na hora do meio-dia, ele recordou o que Jesus fez em Naim. Transcrevemos abaixo as suas palavras²⁶:

A misericórdia de Jesus não é só um sentimento, aliás, é uma força que dá vida, que ressuscita o homem! Diz-nos isso também o Evangelho de hoje no episódio da viúva de Naim (Lc 7,11-17). Jesus, com os seus discípulos, está exatamente para chegar a Naim, uma aldeia da Galileia, exatamente no momento em que está a ser feito um funeral: é levado à sepultura um jovem, filho único de uma mulher viúva. O olhar de Jesus fixa imediatamente a mãe que chora. Diz o evangelista Lucas: “Vendo-a, o Senhor compadecceu-se dela” (v. 13). Esse “compadecer-se” é o amor de Deus pelo homem, é a misericórdia, ou seja, a atitude de Deus em contato com a miséria humana, com a nossa indigência, com o nosso sofrimento e angústia: de fato, a mãe tem uma reação muito pessoal face ao sofrimento dos filhos. Assim nos ama Deus, diz a Escritura.

²⁶ Papa Francisco, no *Angelus* de 9 de junho de 2013.

E qual é o fruto desse amor, dessa misericórdia? É a vida! Jesus disse à viúva de Naim: “Não chores!”, e depois chamou o jovem morto e despertou-o como que de um sono (cf. 13-15). Pensemos isto, é belo: a misericórdia de Deus dá vida ao homem, ressuscita-o da morte. O Senhor olha sempre para nós com misericórdia; não o esqueçamos, olha sempre para nós com misericórdia, espera-nos com misericórdia. Não tenhamos medo de nos aproximar d’Ele! Tem um coração misericordioso! Se lhe mostrarmos as nossas feridas interiores, os nossos pecados, Ele perdoar-nos-á sempre. É misericórdia pura! Vamos ao encontro de Jesus!

Naim revela o rosto de Jesus presente nos momentos difíceis da vida do povo. Esse rosto cheio de amor e bondade de nosso Deus torna-se tão necessário para o mundo de hoje, onde as pessoas continuam convivendo com as situações de dores, crises e mortes prematuras. Naim continua nos dizendo que nosso Deus é cheio de compaixão e misericórdia. Naim também nos ensina que, mesmo em meio às situações cruéis que a realidade nos apresenta, há sempre motivos para alimentar a nossa esperança. Jesus visitou Naim. Deus visitou seu povo. Visitas que trouxeram boas notícias e que devolveram a vida e a voz ao povo. No lugar da morte e do choro surge a voz do novo povo de Deus, que glorifica e canta as maravilhas que o Senhor continua fazendo por nós.

V - A fé que nos faz caminhar

Carlos Alberto Braile (Caco)

*Fomos feitos para Ti Senhor
e inquieto está nosso coração,
enquanto não repousa em ti.*

(Santo Agostinho)

Conversão

Meu processo de conversão começou efetivamente faz cerca de 30 anos. Digo processo, pois, de fato, a conversão não começa nem termina: vai se realizando, passo a passo, algumas vezes parando, outras regredindo, mas sempre recomeçando.

É perceptível também que a conversão parte de um marco decisivo, um ponto de partida, que no meu caso aconteceu quando eu já tinha 35 anos, num chamado Seminário de Vida no Espírito, após aceitar irreversivelmente o Amor do Pai e O Senhorio de Jesus [temas de pregações do seminário] e me permitir ser conduzido pelo Espírito Santo daquele dia em diante. Sempre que me lembro desse marco agradeço a Deus por ter me possibilitado esse encontro, o qual modificou e redirecionou o rumo de minha existência.

De lá, até hoje, tenho me empenhado a fazer jus à graça que me foi concedida de me perceber um filho muito amado de Deus, irmão predileto de Jesus e templo do Espí-

rito Santo, sem o menor mérito e sem sacrifício algum e, ainda por cima, tropeçando muitas vezes pelo caminho.

Daí em diante posso dizer que iniciei minha caminhada com Jesus, apesar de todas as minhas limitações e incapacidades, que sempre foram superadas pelos cuidados que Ele teve para comigo esse tempo todo, que me faz desde já afirmar que tem valido muito a pena.

Fazendo um breve retrospecto de minha vida, posso garantir que desde sempre fui muito bem cuidado e conduzido por Deus, pelos pais que Ele me ofereceu, pela família e contexto familiar que tive, pela educação cristã que recebi, pelas escolas e faculdades que frequentei, pelos ambientes sociais onde estive inserido, nas empresas onde trabalhei, pelo serviço militar que cumpri como voluntário, mas, principalmente, pelo meu casamento e pela família que constituí junto com minha esposa Rita de Cássia, e pelo trabalho que venho fazendo nestes últimos 25 anos, como um fornecedor de experiências de fé, por meio da Terra Santa Turismo, minha empresa de turismo religioso.

Hoje, olhando para as quase sete décadas de vida, percebo que tenho feito uma linda caminhada, podendo até ousar a dizer que tenha sido uma linda peregrinação, palavra que tenho utilizado permanentemente nesse tempo de agente de viagens de caráter religioso, cujo significado primário descobri quando, junto com o Frei Ildo, parceiro e irmão de fé, fiz uma pequena jornada de dois dias caminhando em Israel, a Terra Santa.

O relato feito pelo Frei Ildo nesse livro, com tanta beleza, singeleza e inspiração, pode dar uma ideia muito real do que seja uma peregrinação, mas essa é uma experiência

que não se consegue transmitir por completo. É preciso peregrinar, para efetivamente sentir. Experiência se faz, não se transfere, nem se explica. Vive-se. Eu mesmo ainda estou tentando senti-la por inteiro. Peregrinar é fazer uma experiência de fé, pessoal. Só você consegue contemplá-la.

Espiritualidade do peregrino

O grande escritor Euclides da Cunha disse que *o sertanejo é, antes de tudo, um forte*. Tenho tentado definir o que seja um peregrino, e não consegui. Os beduínos podem nos dar uma pista, os *touaregs*¹ também, mas não passa de uma simples pista. Talvez possamos dizer que *o peregrino é, antes de tudo, um místico*, de corpo, mente e espírito, que de maneira complexa contempla simultaneamente estas três competências em plena harmonia, para adequadamente cumprir seu objetivo: peregrinar. A complexa unidade do corpo, da mente e do espírito, no *modus vivendi* do peregrino só pode ser entendida a partir do pensamento de Edgar Morin, quem sabe o mais ilustre estudioso do chamado Pensamento Complexo.

Segundo Morin, em sua Introdução ao Pensamento Complexo (1991, p. 17-19) à primeira vista, *a complexida-*

¹ *Touaregs* são um povo berbere constituído por pastores seminômades, agricultores e comerciantes. No passado, controlavam a rota das caravanas no deserto do Sahara. Majoritariamente muçulmanos, são os principais habitantes da região sahariana do norte da África, distribuindo-se pelo sul da Argélia, norte do Mali, Níger, sudoeste da Líbia, Chade e, em menor número, em Burkina Faso e leste da Nigéria. Podem ser encontrados, todavia, em praticamente todas as partes do deserto. Falam línguas berberes e preservam uma escrita peculiar, o *tifinagh*. Estima-se que existam entre 1 e 1,5 milhões nos vários países que partilham aquele deserto.

de (complexus, do grego, que significa o que é tecido em conjunto) é um tecido de constituintes heterogêneos inseparavelmente associados. Coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Na segunda abordagem, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem o nosso mundo fenomenal. Mas então, a complexidade apresenta-se com os traços inquietantes da confusão, do inextricável, da desordem no caos, da ambiguidade, da incerteza.

Deste modo, fisicamente, o peregrino coloca seus cinco sentidos alinhados de acordo com a meta a ser atingida. Olhos atentos a tudo ao que ocorre ao seu redor, observação de movimentos, cores, distâncias, acidentes geográficos, pedras, areias, fauna, flora, o voo de borboletas, abelhas e vespas, o céu cheio de sol ou cheio de estrelas, o claro, o escuro, os relâmpagos, as direções e os sentidos de seus horizontes.

Os ouvidos de um peregrino são sensíveis a todo ruído em seu redor enquanto faz seu percurso. Os sons mais delicados, os mais estrondosos, o chiar dos ventos nas folhagens, o barulho das águas correndo nos riachos, os trovões. Enquanto segue firme e determinado, sente os cheiros do pó do caminho, da terra molhada, do solo arenoso, do chorume das cocheiras, da poluição que fere nossa atmosfera, dos campos, e de toda forma de vida.

Os lábios e palatos experimentam de um tudo do que se alimenta em suas andanças. O doce, o salgado, o azedo, o ardido, o ácido, e todos os demais sabores, conhecidos e exóticos, já que o peregrino depende de todo alimento, independente de seus sabores, para manter-se forte e saudável em suas andanças. Seu rosto, seu tronco, braços e per-

nas, sentem os ventos, as chuvas, os raios do sol, o frio, o calor, o que cada diferente clima oferece; ele os recebe com cordialidade e neles se integra. Seus pés pisam, seus braços e mãos tocam, seus cabelos captam os sinais, e sua pele exposta acolhe sem escolha as condições que a natureza dispõe.

Mentalmente predisposto e organizado para a empreitada escolhida, o peregrino segue de forma serena, tranquila e segura. Nada tira sua paz. É ela que compassadamente determina o caminho, tal qual uma bússola que aponta para o norte do alvo planejado. É o seu comportamento disciplinado, traduzido em atitudes claras, que o levam a caminhar sem medo dos desafios do percurso.

A mente do peregrino é programada para, juntamente com seu espírito, fazer o corpo trabalhar em favor de seu intuito. Seu emocional equilibrado o ajuda o tempo todo a vencer as limitações que seu físico denuncia, naturalmente, enquanto vai e vai, determinadamente em sua ascense. Ela predispõe toda energia do corpo a seguir em frente, em que pese toda a fadiga que inexoravelmente ocorre.

Enquanto absorve todos os sinais físicos da estrada, sua mente projeta os passos a seguir, dando ritmos mais ou menos intensos, descansos a serem feitos, e descobertas a se realizarem. Impulsionado pelo desconhecido, seus sensores emocionais o alimentam de expectativas a serem vencidas e em combinação permanente com seu estado físico e com seu condicionamento espiritual, compondo sua trajetória, passo a passo.

O cansaço é sempre vencido pelo desejo de seguir adiante, e realimentado pela paz que sente o tempo todo, o

peregrino segue, e segue adiante. Sua mente dirige seu corpo a partir do insondável que brota de seu espírito.

O caminhante só faz o que faz porque sabe o que quer. Sabe de antemão, pois foi em sua mente que construiu o sonho do destino visualizado. Sua mente, em total sincronia com seu corpo e seu espírito obedecem com disposição incansável o dever de cumprir o trilho traçado.

Espiritualmente, o peregrino, mesmo aqui na terra, está no céu. Seu coração é espírito, mas com os dois pés, corpo e mente no chão. Com esse terceiro elemento constitutivo de seu ser o peregrino completa sua mística natureza que, por fim, lhe dá a identidade e vocação.

Ele age como quem é nascido para isso. E é assim mesmo que ocorre, seguindo intuitivamente o que assegura o jesuíta Pierre Teilhard de Chardin com muita propriedade ao dizer que *não somos seres humanos vivendo uma experiência espiritual, somos seres espirituais vivendo uma experiência humana*. Esse pensamento por si só já é o bastante para configurar o perfil do peregrino, pois a fagulha divina nele infundida é a energia que o impulsiona.

Assim, podemos dizer que o ser humano já nasceu desse jeito, e precisa apenas se dar conta e se apropriar dessa sua característica inata, para assumir seu papel de verdadeiro peregrino e sair a caminho.

A inteligência humana, mistério cada vez mais por ser desvendado nas pesquisas de diferentes competências, tem revelado um de seus componentes mais fenomenais: a Inteligência Espiritual, pouco tempo depois da formulação da teoria da Inteligência Emocional e das Inteligências Múltiplas, o que corrobora sobremaneira a perspectiva proposta por Chardin.

Depois do Quociente de Inteligência, o famoso Q. I. proposto em 1916 e que mede o sucesso de uma pessoa avaliando-se somente o seu raciocínio lógico-matemático e suas habilidades espaciais, a Inteligência Emocional veio propor, quase ao final dos anos 1900, os seguintes desdobramentos: autoconhecimento emocional, controle emocional, automotivação, reconhecimento de emoção em outras pessoas e habilidade em relacionamento entre pessoas.

A ciência não parou por aí. Surgiram outros estudos ampliando o espectro de nossas inteligências. Afirma-se, então, que somos capazes de desenvolver muitas outras formas de inteligências, entre elas a verbal, a lógico-matemática, a cinestesia corporal, a espacial, a musical, a interpessoal e a intrapessoal.

Mas, a mais surpreendente e espetacular foi a revelação científica da existência de nossa Inteligência Espiritual. Descoberta e conceituada pela física e filósofa americana Danah Zohar, *como uma terceira inteligência que nos coloca num contexto mais amplo de sentido e valor, tornando-nos mais efetivos.*

Essa faceta, recém-descoberta em nossa mente, conforme os estudiosos, trata-se de *um ponto de Deus* em nosso cérebro, aquele que podemos dizer, usando o senso comum, que é o sopro com o qual Deus nos presenteou em Gênesis 2,7: *o Senhor Deus modelou o homem como pó apanhado do solo. Ele insuflou em suas narinas o hálito da vida, e o homem se tornou um ser vivo.* Assim, possuidores dessa faísca divina que intermitentemente pisca em nosso ser, somos peregrinos potenciais. Precisamos apenas nos apropriar dessa faculdade.

Num contexto complexo, interagindo simultaneamente corpo, mente e espírito, o peregrino está presente em cada um de nós.

Somos todos peregrinos

Pode-se dizer que, independentemente de rotulação religiosa, a peregrinação é uma prática existente em todas as crenças. Cristãos, muçulmanos, judeus, budistas e até mesmo ateus e agnósticos saem a caminho. Mais uma constatação de que peregrinar é algo que já está embutido no ser humano desde sempre; independentemente de crença ou etnia, somos caminhantes.

Certamente é assim porque nossa vida temporal é uma experiência de peregrinação cuja meta é ir ao encontro de um objetivo, no caso dos cristãos, de Deus. Caminhamos para a terra celestial prometida, que é a reconquista do paraíso perdido, animados pela saudade e pela esperança do éden eterno, para o abraço definitivo do Pai criador. A vida é um permanente caminhar em busca desse prêmio que é ofertado para os que são movidos pela fé.

Este fenômeno que podemos afirmar existir em praticamente todas as religiões e culturas, desde os tempos mais remotos, mostra que os seguidores de diferentes cultos religiosos têm em comum o hábito de viajar a locais considerados sagrados, movidos por um objetivo espiritual intimamente relacionado com a fé que praticam. Desde o mundo antigo, as peregrinações – palavra de origem latina: *per agros* significa ‘pelos campos’ – consistem, portanto, em jornadas realizadas individualmente ou em grupo para um determi-

nado lugar consagrado, quer seja uma cidade ou um templo marcado por um acontecimento especial, de caráter sobrenatural.

Outra palavra que marca fortemente essa prática é a romaria, que significa o ato de ir à Roma, ponto central do cristianismo. O nome do termo é uma referência a Roma, sede da Igreja Católica Apostólica Romana, e por esse motivo é usada para classificar especialmente peregrinações católicas. Aquele que pratica a romaria é o romeiro. Romaria é uma peregrinação religiosa feita por um grupo de pessoas a uma igreja ou local considerado santo, seja para pagar promessas, agradecer ou pedir graças, ou simplesmente por devoção, podendo ser feita a pé ou em veículo.

Na Região Nordeste do Brasil é comum o uso de paude-arara para transportar romeiros, como é o caso da devoção ao padre Cícero, em Juazeiro do Norte. Outras romarias muito comuns são as que se destinam a Aparecida do Norte e Bom Jesus de Pirapora, ambos em São Paulo, além de Nossa Senhora de Nazaré, em Belém do Pará, que ocorrem nas respectivas datas festivas ou mesmo durante o ano todo para visitar, pedir graças ou agradecer por graças recebidas.

A partir do século IV os cristãos iniciaram suas peregrinações, quando se tornaram legais, com o objetivo de percorrer a Terra Santa, atraídos pelas pregações de São Jerônimo, autor da tradução da Bíblia para o latim. A partir daí as peregrinações se intensificaram. Mas, foi com um novo fenômeno religioso – as Cruzadas – que elas tomam grande vulto, com a ideia de resgatar as terras santas da Palestina para o domínio dos cristãos, que estavam em poder dos

chamados “infiéis”, adeptos de outras religiões, especialmente os muçulmanos.

Fátima, em Portugal; Lourdes, na França; Medjugorje, pequena vila situada na Čitluk, no Sul da Bósnia e Herzegovina; Assis e Cássia, na Itália; Guadalupe, no México; Saragozana, na Espanha, são outros destinos, entre tantos, que recebem peregrinos em busca de testemunhar sua fé nos dias de hoje.

Ainda no universo católico, outro caso emblemático, fenômeno que tomou corpo a partir do final do século XX, é a peregrinação pelos caminhos de São Tiago, rota que se dirige até a cidade de Santiago de Compostela, na Espanha. Mesmo considerando uma prática conhecida e explorada há quase 2 mil anos, foi somente ultimamente que esse destino se tornou um dos preferidos pelos caminhadores atuais. Com duas saídas clássicas, uma pela França e outra pela Espanha, o peregrino pode caminhar até cerca de 800 km para cumprir o trajeto convencional. Por diferentes trilhas e passando por uma enorme possibilidade de pousadas próprias para os caminhantes, é possível fazer esse caminho, talvez o mais famoso dentre os cristãos, também com bicicletas, motocicletas e mesmo de automóvel e ônibus, logicamente diferentemente da vivência do tradicional caminhar a pé.

Islamismo

Já para os muçulmanos, o sentido mais profundo em termos de peregrinação é o *Hajj* ou *Hadj*, que é o nome dado à peregrinação realizada à cidade santa de Meca, na Arábia Saudita. É considerada como o último dos cinco pilares do

Islamismo (*arkan*), sendo obrigatória, pelo menos uma vez na vida, para todo o muçulmano adulto, desde que este disponha dos meios econômicos e goze de saúde para fazê-lo. Cerca de 3 milhões de pessoas de todos os pontos do planeta realizam anualmente o *Hajj*. A peregrinação é tão importante que a expressão *El hajj* ou *el hadj* pode ser colocada na frente do nome das pessoas que já a fizeram.

Para que seja válida, o peregrino precisa antecipadamente manifestar profundo desejo de realizá-la, ao mesmo tempo em que não deve prejudicar ninguém, não deve contrair dívidas para fazer a viagem, não deve deixar dívidas por pagar e não deve deixar os membros da sua família sem recursos ou em situação desprotegida. Trata-se de uma peregrinação muito estruturada e repleta de preceitos a serem seguidos rigorosamente, com ritos e orações específicos para cada momento, em determinados pontos do percurso e após a chegada a Meca. Alguns peregrinos aproveitam a ocasião para se deslocarem à cidade de Medina, onde se encontra o túmulo do profeta Maomé.

Judaísmo

Para os judeus, as peregrinações têm suas origens nas várias festas judaicas originadas nas *mitzvot* (mandamentos bíblicos), em decretos rabínicos, ou na moderna história de Israel. Todas são motivo de peregrinação, quando judeus espalhados pelo mundo todo se dirigem a Israel para cumprir os preceitos a elas relacionadas. São muitas, mas destacaremos as principais: *Rosh Hashanah* – O Ano Novo Judaico; *Yom Kippur* – Dia do Perdão; *Sucot*; *Chanucá* – Festival das Luzes; e a *Pessach* – Páscoa.

O *Rosh Hashaná* é o Ano Novo Judaico e o Dia do Julgamento, no qual Deus julga cada pessoa individualmente de acordo com as suas ações, e faz um decreto para o próximo ano. O festival é caracterizado pela *mitzvah* (mandamento) especial de tocar o *shofar*, uma espécie de corneta, feita de chifre de cabrito. *Rosh Hashanah* é considerado pela Mishná como o novo ano para calcular os anos do calendário, leis de *shmita* (ano sabático) e o Jubileu, os dízimos de vegetais, e plantação de árvores, e, diferentemente do que se pensa, não se comemora a criação do mundo, mas a criação da alma de Adão. A recitação de *Tashlich* ocorre durante a tarde do primeiro dia. Os judeus ortodoxos celebram dois dias de *Rosh Hashaná*, tanto em Israel como na Diáspora, enquanto um número significativo de comunidades judaicas reformistas celebram apenas um dia de *Rosh Hashaná*.

Na festa do *Yom Kippur* é dada especial ênfase ao perdão e à reconciliação. Neste dia proíbe-se comer, beber, tomar banho, untar-se com óleo e ter relações íntimas. Neste dia, o sumo sacerdote entrava (só uma vez por ano) no *Lugar Santíssimo*, ou no *Santo dos Santos*, para expiar os pecados de toda a nação através do sacrifício de um animal (Levítico 23, 26-32). Atualmente o jejum começa ao pôr-do-sol e termina depois da caída da noite no dia seguinte. A liturgia do *Yom Kippur* começa com a reza conhecida como *Kol Nidrei*, que tem de ser recitada antes do pôr-do-sol e significa “todos os votos”. É a anulação pública de votos ou juramentos religiosos feitos por judeus durante o ano anterior e diz respeito a votos não cumpridos, feitos entre a pessoa e Deus, e não cancela ou anula os votos feitos entre

pessoas. Tradicionalmente os convivas desejam uns aos outros além de *Shaná Tová* (ano bom), também *Guimar Hatimá Tová* (que estejas inscrito no livro da vida).

A solenidade do *Sucot* (a palavra *sucot* é o plural da palavra hebraica *sucá*, que significa cabana) é um festival que dura sete dias, também conhecido como a Festa dos Tabernáculos. É um dos três festivais de peregrinação mencionados na Bíblia, quando os judeus são orientados a dormir em cabanas durante o período da festa, o que geralmente significa comer as refeições na *sucá*, geralmente feita de madeira e coberta com folhas de palmeira.

A tradição histórica da festa *Chanucá*, também conhecida como a Festa das Luzes, é preservada nos dois Livros dos Macabeus e marca a derrota das forças do Império Seleucida que tentaram evitar que o Povo de Israel praticasse o Judaísmo. Judas Macabeu e os seus irmãos destruíram forças inimigas poderosas, e fizeram a rededicação religiosa do Templo de Jerusalém. Os oito dias do festival são marcados pelo acendimento de velas — uma na primeira noite, duas na segunda noite, e assim sucessivamente — usando um candelabro especial chamado *Chanukkiá* ou *Menorá de Chanucá*, que é diferente do Menorá de sete velas, pois possui nove velas.

No entanto a maior de todas as festas, e é quando fluem os judeus de todos os cantos para Israel, é na Pascoa ou *Pessach*, quando se comemora a libertação dos Israelitas do cativeiro do Egito. O catolicismo incorporou em suas tradições a festa da Páscoa, que tem origem no judaísmo, mas com contagem do tempo um pouco diferente da tradição judaica, motivo pelo qual quase todos os anos elas não

coincidem. Para os judeus as trombetas começam a tocar ao pôr-do-sol do dia 15 de Nissan.

Budismo

No contexto budista isso não é diferente, já que diversos destinos relacionados com importantes acontecimentos da história de Buda são tradicionalmente visitados por peregrinos que seguem essa devoção. São muitos os locais visitados, começando por Lumbini, cidade natal de Buda, no Nepal. O Japão possui a famosa estátua do Buda de Camacura. É importante, ainda, a Peregrinação aos 88 Templos da Ilha de Xicocu.

Mas é na Índia, onde em muitas cidades há um grande interesse budista, que se vê grandes manifestações: foi em Bodigaia onde Buda alcançou a iluminação e é em Sarnati onde Buda realizou seu primeiro sermão, atraindo seus primeiros discípulos. Em Kusinagara, Buda morreu. O Sri Lanka possui locais com importantes ruínas budistas. O Camboja possui o patrimônio histórico mundial Angkor Vat, da antiga civilização Quimer, com grande destaque para o antigo Templo de Baion, nas ruínas de Anguicor Tom. No entanto, é a Indonésia que possui o maior templo budista do mundo, Borobodur.

Na China encontra-se a maior estátua de Buda do mundo, o Buda de Lexam. Lá se encontram também o Mosteiro de Xaolim, famoso centro de *kung-fu*. No Tibete, ocupado pelos chineses, localiza-se a antiga residência do Dalai Lama, o Potala e o famoso Templo Jocangui, ambos na capital, Lhassa.

Pode-se ainda destacar o Afeganistão onde localizavam-se as imensas estátuas dos Budas de Bamiam, as quais foram criminosamente destruídas pelo regime Talibã em 2001. No Brasil, no estado do Rio Grande do Sul, uma referência importante dentro do budismo Tibetano tem sido o templo budista do município de Três Coroas.

Rumo ao Céu

Como havia registrado anteriormente, a conversão do cristão é um processo, é uma caminhada de descobertas depois de cada passo, de cada etapa. É simples, mas não é fácil e exige perseverança, pois peregrinar não é simplesmente caminhar na direção de um determinado lugar, sem um propósito maior. A peregrinação tem que ser um ato movido por algo muito significativo, que vai fazendo uma mudança interior na vida do peregrino na medida em que ele avança e, mais do que uma exigência física, é uma ação existencial de profunda análise interior. Mesmo exigindo do corpo e da mente, ela opera no espírito.

O Peregrino Russo, livro emblemático e de autoria anônima do século XIX sobre a mística cristã, relata a história de um homem que queria aprender a rezar. Ele ouviu certa vez na Bíblia que deveríamos “orar sem cessar” e procurou muitas práticas até encontrar um monge que o orientou a fazer a oração de Jesus, que consiste na repetição prolongada do nome de Jesus. Ele, então, começou a repetir o nome de Jesus até que a oração tomou conta de sua mente e de sua vida.

Peregrinar é, pois, sair em busca de uma satisfação interior que não ocorre enquanto estamos parados. Só num

movimento dinâmico é que vamos buscando e alcançando, sem que nunca nos sintamos satisfeitos com a etapa vencida, acreditando que o retorno haverá de acrescentar e enriquecer nossa vida, tornando-nos outras pessoas, melhores do que no início da peregrinação.

Mas, a riqueza do conhecimento adquirido como resultado deve ser partilhada. O magistério da Igreja Católica recomenda, através da *Evangelii Gaudium*, exortação apostólica sobre o anúncio do Evangelho nos dias de hoje, no parágrafo 244: *devemos sempre lembrar-nos de que somos peregrinos, e peregrinamos juntos. Para isso, devemos abrir o coração ao companheiro de estrada sem medos nem desconfianças, e olhar primariamente para o que procuramos: a paz no rosto do único Deus.* E ainda acrescenta, no parágrafo 87: *neste tempo em que as redes e demais instrumentos da comunicação humana alcançaram progressos inauditos, sentimos o desafio de descobrir e transmitir a “mística” de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária, numa peregrinação sagrada.*

Havia também mencionado anteriormente que em algum momento havia pensado na inglória tentativa de definir o que é um peregrino e, após 25 anos de trabalho propiciando a experiência de fé em peregrinações por esse mundo afora, ao final me dou conta que isso efetivamente não vale a pena, até porque me convenci de que toda tentativa de definir algo nos leva ao pecado da delimitação do saber a respeito daquilo que tentamos definir, e do grande risco

de reducionismo. Prefiro apenas ficar com uma dedicatória que o arcebispo emérito de Londrina, Dom Albano Cavalin (falecido em 01/02/2017), escreveu num livro com que me presenteou, e que diz assim: ***Caco e família, faço votos que o Bom Deus em recompensa pelas muitas romarias à Terra Santa um dia seja o teu guia para a Romaria do Céu.***

VI - Glossário de nomes e localidades

Cafarnaum: O nome em hebraico *Kafar* + *Naum* significa “vila ou sítio de Naum”, ou melhor: “sítio do consolo” ou “do conforto”. Situada à beira do Mar da Galileia, ainda hoje é possível encontrar as antigas ruínas da cidade de Cafarnaum, também chamada a cidade de Jesus (Mt 4,13; 9,1). Ali se encontram as escavações arqueológicas onde estão os restos da antiga sinagoga. Cafarnaum foi importante para Jesus, pois ele morou ali cerca de três anos. Foi na sinagoga de Cafarnaum que Ele iniciou sua atividade pública (Mc 1,21; Lc 4,31). Cafarnaum foi o local da cura do servo do centurião (Mt 8,5-13; Lc 7,1-10); da cura do paralítico (Mc 2,1-12), etc. Apesar disso, o povo da região parece que não acreditou muito em Jesus (Mt 11,23). Em Cafarnaum foi construída a igreja, em forma octogonal, sobre a casa que era de Pedro.

Caná: Esta pequena cidade está situada no norte de Israel, na Galileia, e tornou-se famosa porque, segundo o Evangelho de João, foi o local do primeiro sinal realizado por Jesus (Jo 2,1-12). Junto com sua mãe e seus discípulos, Jesus foi a uma festa de casamento onde faltou vinho, e lá Jesus transformou água em vinho bom. Em Caná da Galileia, também foi construída uma bela igreja, que está

sob os cuidados das Irmãs. Podemos ver as talhas que devem ter o tamanho daquelas seis talhas vazias e que Jesus mandou encher de água e depois transformou em vinho novo. De Caná é possível ver a cidade de Nazaré, onde Jesus cresceu e viveu a sua infância. Caná também era a terra natal de Natanael (Jo 1,45), segundo uma tradição, e que nos Evangelhos sinóticos se chama Bartolomeu, isto é, “filho de Tolomeu”.

Custódia da Terra Santa: Desde 1217, quando Francisco de Assis passou pela Terra Santa, os Franciscanos estão presentes nesses lugares. Em 1342, o Papa Clemente VI criou a Custódia da Terra Santa e confiou aos Freis Franciscanos a missão de cuidar e guardar os locais mais importantes para a história do cristianismo, não só na Palestina, mas nas regiões próximas. Durante a história, os Franciscanos sofreram com as guerras, foram expulsos pelos muçulmanos; depois retornaram e hoje cuidam da maioria das igrejas e locais sagrados. Ao longo da história foram responsáveis pela construção e restauração das igrejas, acolhimento dos peregrinos, além de manter muitas obras sociais, como hospitais e creches, beneficiando a população mais carente independente de sua religião. Atualmente, em torno de 300 freis das diversas partes do mundo estão presentes nos locais²⁷.

Ein Karem: O nome significa “fonte do vinhedo”, um local perto de Jerusalém, mas com um clima gostoso e bem

²⁷ Confira o site da Custódia da Terra Santa em: <<http://pt.custodia.org/>>.

diferente. A vila é situada entre as montanhas, com muitas fontes de água. Tornou-se famosa por ser o local da habitação de Zacarias e Isabel. Foi para esse local que Maria “pôs-se a caminho dirigindo-se às pressas para a uma cidade da região montanhosa de Judá” (Lc 1,39). Maria foi visitar Isabel, sua parenta que estava grávida e aguardava o nascimento do menino João Batista. E Maria permaneceu lá cerca de três meses (Lc 1,56). Em Ein Karem encontram-se várias igrejas dedicadas a Maria ou a João Batista, Isabel e Zacarias. Há um mural em que se encontra o cântico do Magnificat (Lc 1,46-56) em cerâmica, escrito nas principais línguas (inclusive o português). E uma imagem muito rústica, mas ao mesmo tempo carregada de simbolismo, que marca o encontro de Maria e Isabel. Duas mães, dois ventres, dois meninos que se tocam e se abraçam, Antigo e Novo Testamentos que se encontram. Em outra igreja dedicada a João Batista, há um mural com o cântico de Zacarias, o Benedictus (Lc 1,68-79). Conta a história que foi nesse vilarejo que Zacarias e Isabel esconderam João Batista dentro de uma pedra (ou gruta) para escapar da perseguição do rei Herodes (Mt 2,1-12). Os soldados de Herodes passaram e não encontraram o menino.

Galileia: Assim era chamada a região norte de Israel. A Galileia era um distrito localizado na fronteira com o Líbano e a Síria. É uma região de montanhas e planícies. Mesmo não tendo grandes cidades, era importante por ser um corredor por onde passavam as caravanas (comerciais, militares, culturais e religiosas). Por isso era

chamada também “Galileia das nações” (Is 8,23). No Antigo Testamento, era local das tribos de Neftali e Zebulon (e parte das tribos de Aser e Issacar). Depois de ter sido batizado por João Batista, Jesus foi para a Galileia, onde iniciou seu ministério (Mt 4,12; Mc 1,14; Lc 4,14). Nessa região, Jesus fez a maioria dos seus milagres e as primeiras pregações e escolheu os primeiros discípulos. Na época de Jesus, o governador da Galileia era Herodes Antipas (Lc 23,7). Os judeus de Jerusalém não gostavam muito dessa região, pois diziam que seu povo não cumpria a Lei de Moisés (Jo 7,49). Os judeus recordavam que a Escritura não previa que o Messias viesse da Galileia (Jo 7,41), de onde nem sequer podia surgir um Profeta (Jo 7,52).

Igreja do primado de Pedro: É assim chamada essa pequena, mas importante igreja, construída ao lado do Mar da Galileia. Do lado de fora da igreja há uma pedra em forma de coração, e – segundo a tradição – foi ali que Jesus disse: “Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja” (Mt 16,16). E é também o local, segundo a tradição, que possivelmente Jesus, depois da Ressurreição, confirmou Pedro como o Chefe e Pastor da Igreja e lhe pede por três vezes: *Simão, filho de João, tu me amas?* E Pedro lhe responde afirmativamente. Então Jesus lhe diz: *Apascenta as minhas ovelhas* (cf. Jo 21,15-17).

Kibutz: Em hebraico *kibutzim* (plural) significa “grupo” ou “juntos”. Começaram a existir com a migração de judeus para Israel, sobretudo da Europa Oriental. Os membros vivem em grupos com os princípios sociais e econô-

micos igualitários e comunitários. O trabalho é coletivo e praticam também o uso coletivo das propriedades. Há cooperação nas áreas de educação, cultura e vida social, que vão além do próprio círculo familiar, cujo número de membros varia de cem a mil pessoas. O kibutz é diferente do *moshav*, que é um sistema cooperativista e não tanto socialista.

Logos: O termo grego significa palavra, verbo, acontecimento. No Evangelho de João, o termo é atribuído a Jesus. “No princípio era o Logos, o Logos estava em Deus e o Logos era Deus” (Jo 1,1) e mais adiante: “O Logos se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14). Logos significa a palavra e seu poder. No texto de Naim se diz que “este logos” se espalhou por toda a redondeza, isto é, aquilo que Jesus fez em Naim ecoou mundo afora.

Magdala: O nome em hebraico é Migdal ou Migdol e significa “torre”, e essa cidade estava situada à beira do Mar da Galileia, a 6,5km de Tiberíades. Era a cidade de Maria Madalena (ou Maria de Magdala). Jesus deve ter passado muitas vezes pela cidade, porém não consta nos quatro Evangelhos que Jesus tenha realizado algum milagre ou pregação ali. Era um centro de pesca e de embalagem de peixes. Atualmente, há escavações arqueológicas no local, onde foi descoberta uma antiga sinagoga provavelmente do tempo de Jesus. Hoje existe uma nova cidade com o nome de El Mejdol.

Mar da Galileia: O Mar da Galileia é também conhecido e citado na Bíblia como o Lago de Genesaré, ou ainda como

o Lago ou Mar de Tiberíades (Jo 21,1). O nome *Genesaré*, em hebraico “keneret”, que quer dizer: violino, e recebeu nome devido à sua forma. Na verdade, não é um mar, pois sua água é doce e não salgada. É alimentado pelas águas do rio Jordão. Possui cerca de 12km de largura e 20km na parte mais comprida; nos lugares mais fundos pode chegar a 40m. É um lago com muita vida, muitos peixes também. Devido à sua forma e localização, o vento e as ondas podem tornar-se fortes e perigosas para os barcos. Ao redor do Mar da Galileia estão cidades importantes da época de Jesus: Tiberíades, Magdala, Tabga, Cafarnaum... É um lugar muito bonito com paisagens verdes e com muita vida ao seu redor. Muitos fatos narrados na Bíblia, sobretudo do Novo Testamento, aconteceram ao redor do Mar da Galileia. Foi nesse mar que Jesus viu os primeiros discípulos e os chamou (Mc 1,16-20; Lc 5,1-11); Jesus caminhou sobre suas águas (Mt 14,21-33); Jesus pacificou as águas desse mar (Mt 5,23-27). O Evangelho de João narra que foi no Mar de Tiberíades que Jesus apareceu depois de ressuscitado (Jo 21,1ss). Outros fatos importantes aconteceram nas cidades ao redor do lago. Foi num monte, perto do Mar da Galileia, que Jesus pronunciou um dos seus mais belos discursos: as bem-aventuranças (Mt 5,1-12).

Monte das Bem-Aventuranças: O Monte das Bem-Aventuranças é um dos mais belos lugares da Terra Santa. Local importante para Jesus, pois foi onde Ele proclamou o seu famoso Sermão da Montanha (Mt 5 a 7). O Sermão inicia com um dos textos mais belos da Bíblia: o discurso das

bem-aventuranças (Mt 5,1-12): *Bem-aventurados os pobres em espírito...* Sobre esse monte foi construída uma importante igreja. A visão é muito bonita, de onde se pode olhar para a planície da Galileia, ver embaixo a cidade de Cafarnaum e o Mar da Galileia. Um cenário maravilhoso que Jesus escolheu para ensinar os seus discípulos e as multidões.

Monte Tabor: O Monte Tabor possui 610 metros de altitude. No Antigo Testamento, é mencionado como um monte importante para o Senhor, juntamente com o Monte Hermon (Salmo 89,13) e com o Monte Carmelo (Jr 46,18). O Tabor impressiona mais por sua aparência e sua beleza, pois está situado na planície de Esdremon, portanto é isolado. No Antigo Testamento, foi o lugar da batalha da Juíza Débora, junto com Barac, contra o exército de Sísara (Jz 4,6-14), além de outras passagens (Jz 8,18; 1Sm 10,3; Os 5,1, etc.). O Monte Tabor tornou-se importante no Novo Testamento, pois, segundo a tradição, foi o Monte da Transfiguração de Jesus. No Monte Tabor Jesus subiu, levando consigo Pedro, Tiago e João, e transfigurou-se diante deles. Apareceram então Elias e Moisés (representando a Lei e os Profetas, isto é, todo o Antigo Testamento). Foi lá que Pedro queria construir as três tendas e disse: *É bom ficarmos aqui*. Da nuvem saiu uma voz que confirmou a missão de Jesus: *Este é o meu Filho Amado, ouvi-o!* (confira Mt 17,1-8; Mc 9,2-8; Lc 9,28-36). Sobre o Monte Tabor foi construída uma bela igreja para recordar essa passagem importante na vida de Jesus. No seu interior, há uma capela para Moisés e outra para o Profeta Elias.

Naim: A cidade para onde Jesus se dirige chama-se *Naim*.

A única vez na Bíblia em que essa cidade é mencionada é em Lc 7,11. O seu significado é incerto. Sugere-se que provenha do hebraico *nâ'im* e signifique “a amena”²⁸ ou “aprazível”. A sua localização mais provável é que se situava a sudoeste da Galileia, distante a 40 quilômetros de Cafarnaum, a cerca de oito quilômetros de Nazaré, na parte norte da planície de Jezreel, não muito distante do Monte Tabor. É possível que seja a cidade que hoje existe com o nome de *Nein* e onde há ruínas de uma antiga cidade maior. Mesmo que o rumo da caminhada, saindo de Cafarnaum e dirigindo-se a Naim, seja a direção sul, esse ainda não é o longo caminho que Jesus irá empreender quando tomará “resolutamente o caminho de Jerusalém” (9,51). Essa será uma missão específica e da qual retornará novamente ao norte da Galileia.

Nazaré: Era uma pequena cidade da Galileia, no norte de Israel. Na época de Jesus, não tinha muito valor e sua fama não era muito boa, como bem disse Natanael: *De Nazaré pode vir algo de bom?* Felipe lhe disse: *Vem e vê!* (Jo 1,46). Segundo o Evangelho de São Lucas, foi em Nazaré, em uma casa, que o Anjo Gabriel anunciou a uma jovem (Maria) que ela ia ser a mãe do Messias (cf. Lc 1,26-38). Lá é possível visitar os restos de uma casa que, segundo a tradição, seria o local onde moravam José e Maria. Nazaré quer dizer “broto ou ramo novo”. Para nós cristãos, Jesus é esse broto novo, o rebento da raiz de

²⁸ BORN, A. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, p. 1030.

Jessé, que veio trazer a boa-nova ao mundo. Foi em Nazaré que Jesus cresceu e até trabalhou na carpintaria de José (Mc 6,3). Na sinagoga de Nazaré, Jesus apresentou o seu programa (cf. Lc 4,16-22). Por isso era também chamado o “Nazareno” (Mt 2,23; 26,71, etc.). Em Nazaré foi construída a Basílica da Anunciação. É muito bela, mística e com uma torre suntuosa. É a maior igreja cristã de todo o Oriente Médio. Nazaré possui duas prefeituras: uma judaica e uma palestina.

Ovelha vermelha: Uma profecia em Israel diz que, quando surgir a oitava ovelha (ou vaca) vermelha, isso será um sinal messiânico. Segundo uma antiga tradição, já surgiram sete novilhas vermelhas em Israel. Todas foram sacrificadas e oferecidas em holocausto a Deus. Os mestres ensinam que a vinda da oitava novilha vermelha (*parah adumah*) estaria próxima, e assim o Messias estaria chegando (cf. Nm 19,1-11).

Pedrinhas nos cemitérios: Um costume interessante pode ser visto nos cemitérios judaicos. Sobre os túmulos são colocadas muitas pedrinhas pelos visitantes. Também porque as pedrinhas são fáceis de ser transportadas por aqueles que chegam de longe para visitar seus parentes mortos. As pedras dão a ideia de eternidade e não murcham como as flores e elas são um sinal de esperança na ressurreição.

Rio Jordão: O Rio Jordão divide a Terra Santa. Corre na direção norte-sul. Por causa de sua queda rápida e o vale muito profundo, mais separa do que une. O Jordão – nome que significa “declive” – é o único rio do mundo cujo

leito fica abaixo do nível do mar. Nasce a 520m de altitude nas encostas do Monte Hermon (3.000m) e faz um percurso de apenas 240km. O Jordão atravessa dois lagos: Heron (atual Lago Hule) e o Tiberíades (ou Lago de Genesaré ou da Galileia), a 225m abaixo do nível do mar. Nas margens desse lago estão cidades como Cafarnaum, “cidade residencial de Jesus” (Mt 4,13; 9,1), Tiberíades, Betsaida, Corazim e Magdala. Todas elas foram uma região de muitos milagres e pregações de Jesus. No final do seu curso, o Jordão deságua no Mar Morto (salgado com 25% de sal). O Mar Morto fica a 426m abaixo do nível do mar, desce mais 400m. Assim, o lugar mais baixo da terra é o fundo do mar Morto: 826m. Atualmente, o Rio Jordão fornece boa parte da água que a Terra Santa necessita (consumo e irrigação). Por isso a água naquela região é muito escassa, e suas nascentes e seu curso são disputados. Hoje 19% da água do Jordão vão para a Jordânia, depois do acordo de paz na guerra de 1967. Antes de entrar na Terra Prometida, Josué e o povo de Deus passaram o Rio Jordão (Js 3,14-17). Foi como uma nova passagem do Mar Vermelho. Era no Rio Jordão que João Batista batizava (Mt 3,6). E foi lá que Jesus e João Batista se encontraram: *Nesse tempo, veio Jesus da Galileia ao Jordão até João* (Mt 3,13). E foi no Rio Jordão que Jesus recebeu o batismo (Mt 3,13-15; Mc 1,9-11).

Ruah: É uma palavra muito rica em significado. Pode significar um lugar bem arejado, perfumado, tranquilo, bom, que transmite alívio e serenidade... Quando referida ao ser humano, pode ser o alento vital, o sopro, a alma, o

espírito (embora o hebraico possua também a palavra *nefesh*, que tem um significado próximo a alento, alma, espírito, cf. Gn 2,7; Pr 13,19). A Ruah pode também referir-se a Deus, como em Gn 1,2b: “A Ruah de Deus pairava sobre as águas”. Não há concordância entre os biblistas se a palavra é masculina ou feminina. Em geral, no hebraico, as palavras terminadas em “ah” são femininas.

Septuaginta: Por volta de 300 anos antes de Cristo, muitos judeus viviam fora da terra de Israel e já não falavam mais o hebraico. A cultura grega já se havia espalhado por todo o mundo. No Egito, havia mais de um milhão de judeus. E foi em Alexandria que foi feita a primeira tradução da Bíblia Hebraica para o grego. Conta uma lenda que foram buscar seis sábios de cada uma das doze tribos de Israel, e esses foram colocados em 72 celas e, depois de 70 dias, apresentaram a sua tradução e essa coincidia em tudo. Por isso recebeu o nome de LXX (Setenta ou *Septuaginta*). Embora não tenha sido aceita pelos judeus de Jerusalém, essa tradução foi importante, pois foi usada pelos judeus da diáspora, isto é, espalhados pelo mundo. Os cristãos também utilizaram esse texto em suas atividades missionárias.

Shabbat: Os judeus guardam o Sábado (*Shabbat*) como o dia de descanso, pois foi nesse dia que Deus descansou da obra da Criação (Gn 2,1-2). O descanso está previsto nos Dez Mandamentos com duas motivações: porque nele Deus descansou (Ex 20,8-11) e para recordar que o povo havia sido escravo no Egito (Dt 5,12-15). O Sábado deve ser um dia de festa e de celebração. Na noite de Sábado

(que para nós ainda é sexta-feira), as comidas devem ser as melhores, ter doces, vinho bom e deve haver um ambiente de muita alegria. Os pais devem ficar com a família; só se deve sair de casa para ir à sinagoga. O encerramento do Sábado acontece quando as três estrelas surgem no céu. É comum encontrar à beira das rodovias placas luminosas sinalizando a que horas o *Shabbat* vai terminar. E o seu final é comemorado com leituras de Salmos e orações, muitos cantos e danças e boas comidas.

Tabga: É um lugar bonito, à beira do Mar da Galileia, e chama-se Tabga, que quer dizer “sete fontes”. Há uma igreja com muitos mosaicos (talvez entre os mais antigos do mundo). Um dos mais famosos, no seu piso, representa a multiplicação dos pães, que Jesus realizou para saciar a fome da multidão. Ali estão representados os dois peixinhos e os pães.

Tiberíades: Cidade construída à beira do Mar da Galileia por Herodes Antipas no ano 20 d.C. Recebeu esse nome porque Herodes quis homenagear o imperador Tibério César. Era a sede do governo da Galileia, por isso a maior cidade da região. Não consta nos Evangelhos que Jesus tenha entrado em Tiberíades.

Anexo: Mapa



Referências bibliográficas

ARRUDA, L. *Mulheres na vida de Jesus*. A história das primeiras discípulas. São Paulo: Paulus, 2011.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2004.

BÍBLIA. Português. *Tradução Ecumênica (TEB)*. São Paulo: Loyola, 1994.

BORN, A. van den (Org.). *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 2004.

BOVON, F. *El Evangelio según San Lucas I (Lc 1,1-9,50)*. Salamanca: Sígueme, 1995.

KARRIS, R. J. O Evangelho segundo Lucas. In: BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A.; ROLAND, M. E. *Novo comentário Bíblico São Jerônimo (NCBSJ)*: Novo Testamento e artigos sistemáticos. São Paulo: Academia Cristã / Paulus, 2011. p. 217-308.

BUBER, M. *La leggenda del Baalscem*. Roma: Carucci Editore, 1989.

CNBB. *Travessia: passo a passo, o caminho se faz*. Ex 15,22–18,27. Subsídio para o mês da Bíblia. Brasília: Edições CNBB, 2011.

DUPONT, J. “A Ressurreição do moço de Naim (Lc 7,11-16)”. *Revista de Cultura Bíblica*, São Paulo, v. 22, fasc. 85-86, p. 145-149, 1998.

ESCRITOS de São Francisco. Petrópolis: Vozes, 1983.

FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas*. Madrid: Cristiandad, 1987. 3 v.

KOLVENBAH, P. H. *Decir... al “indecible”*: estudios sobre los Ejercicios Espirituales de San Ignacio. Maliaño: Sal Terrae, 1999.

McKENZIE, J. L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 1994.

MESTERS, C. *Com Jesus na contramão*. São Paulo: Paulinas, 1995.

MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1991

PERONDI, I.; FERREIRA, E.; MARÇAL, M. E. R. *Santo Livro*. Londrina: Midiograf, 2012.

PERONDI, Ildo. O despertar de Maria Madalena. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 29, n. 115, p. 136-144, jul./set. 2012.

PLUMMER, A. *A critical and exegetical commentary on the gospel according to S. Luke*. 5th ed. Edinburgh: T & T Clark, 1981.

RELATOS de um peregrino russo. Autor anônimo do século XIX. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

SCHÜRMAN, H. *Il Vangelo di Luca (Lc 1,1-9,50; 9,51-11,54)*. Brescia: Paideia, 1998.

SEBASTIANI, L. *Maria Madalena: de personagem do Evangelho a mito de pecadora redimida*. Petrópolis: Vozes, 1995.

SPINETOLI, O. *Luca: il vangelo dei poveri*. Assisi Cittadella, 1982.

VAUX, R de. *Instituições de Israel*. São Paulo: Paulus, 2003.

Sites da internet

BENTO XVI. *Terra Santa, quinto evangelho*. Disponível em: <<http://www.zenit.org/pt/articles/bento-xvi-terra-santa-quinto-evangelho>>. Acesso em: 4 jun. 2013.

MONTE Arbel. Disponível em: <<http://www.cafetorah.com/Monte-Arbel>>. Acesso em: 4 jun. 2013.

SANTUÁRIOS: *Naim*. Disponível em: <<http://pt.custodia.org/default.asp?id=3974>>. Acesso em: 22 maio 2013.

FRANCISCO. *Angelus*. 9. Jun. 2013. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/francesco/angelus/2013/documents/papa-francesco_angelus_20130609_po.html>. Acesso em: 29 jun. 2013.

O evangelista Lucas relata que um dia Jesus dirigiu-se, juntamente com seus discípulos e uma grande multidão, para uma cidade chamada Naim. Ao chegar à porta da cidade encontrou-se com um cortejo fúnebre. Jesus foi movido de compaixão para aquela mulher viúva que havia perdido seu único filho. E então restituiu a vida ao jovem morto e entregou-o à sua mãe (cf. Lc 7,11-17).

Quase dois mil anos depois, dois caminhantes percorreram este caminho de Cafarnaum a Naim. A realidade hoje é outra. No entanto, a experiência de caminhar pelos lugares onde Jesus andou é fascinante e desafiadora. É encontrar-se com o projeto de Jesus e trazê-lo para os nossos dias.

O fato acontecido em Naim fez o povo de Deus exultar e glorificar a Deus e reconhecer o que lá aconteceu como uma agradável visita de Deus ao seu povo, espalhando pelo mundo inteiro esta boa notícia. Naim revela o rosto de Jesus compassivo e misericordioso – tão necessário para o mundo de hoje onde as pessoas continuam convivendo com as situações de dor, crises e mortes prematuras.